



**ALECE** ASSEMBLEIA  
LEGISLATIVA  
DO ESTADO  
DO CEARÁ



# Maternidade e Trabalho

no Parlamento Cearense

Luzia Leda Batista Rolim  
Rachel Garcia Bastos de Araújo  
Samya Régia Figueiredo Vieira Antero

**EDIÇÕES**  
**INESP**





# *Maternidade e Trabalho*

no Parlamento Cearense



Luzia Leda Batista Rolim  
Rachel Garcia Bastos de Araújo  
Samya Régia Figueiredo Vieira Antero

# Maternidade e Trabalho

no Parlamento Cearense



**ALECE** ASSEMBLEIA  
LEGISLATIVA  
DO ESTADO  
DO CEARÁ

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE  
O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Fortaleza, agosto de 2023.

Copyright by Inesp © 2023

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

**Diretor Executivo do Inesp**

João Milton Cunha de Miranda

**Coordenação Editorial**

Rachel Garcia

**Assistente Editorial**

Valquíria Moreira

**Assessoria de imprensa**

Luzia Batista

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**

Valdemice Costa (Valdo)

**Fotos**

Marcos Moura (págs. 49, 59, 101, 102, 103 e 107)

**Entrevistas**

Sâmya Régia Antero

**Tratamento textual**

Rachel Garcia

Luzia Batista

**Revisão**

Sandra Mesquita

Gustavo Vasconcelos

**Colaboração**

Ernandes do Carmo

Leticia Albuquerque

Ricael Gomes

Karla Sampaio

**Ilustrações**

Design de Ngupakarti (Adobe Stock)

com adaptações

(<https://stock.adobe.com/contributor/207202045/ngupakarti>)

Catalogado por Herbenio de Souza Bezerra CRB-3/1613

---

R748m Rolim, Luzia Leda Batista.  
Maternidade e trabalho no parlamento cearense / Luzia  
Leda Batista Rolim, Rachel Garcia Bastos de Araújo,  
Samya Régia Figueiredo Vieira Antero. – Fortaleza: INESP,  
2023.

125 p. : il. color. ; 18000 Kb ; PDF

ISBN 978-85-7973-198-3

1. Maternidade. 2. Relações de trabalho. 3. Parlamento  
cearense. I. Araújo, Rachel Garcia Bastos de. II. Antero,  
Samya Régia Figueiredo Vieira. III. Título.

CDD 341.2531

---

**\*\*\* DISTRIBUIÇÃO GRATUITA \*\*\***

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial,  
por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.



“

- *Mãe, eu quero ser médica. O que você é?*
- *Eu sou jornalista.*
- *Eu posso ser jornalista, também?*

Sophia Dutra, 5 anos, e Giselle Dutra.

”

# A inspiração

Arthur Lima Rolim

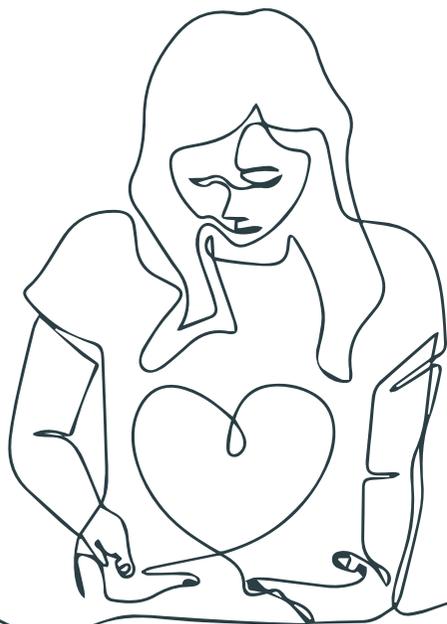
Isa de Araújo Pontes

João Pedro Vieira Antero

João Vitor Vieira Antero



Nosso agradecimento a cada mulher que dividiu conosco as dores e delícias da maternidade, não somente para a feitura deste livro, mas durante toda a vida: no trabalho, nas filas de supermercado, nas recepções dos consultórios, nos bancos dos parquinhos, em relatos sinceros na internet ou em desabafos trazidos, despretensiosamente, pelo vento. Que esse mesmo vento lhes leve acolhimento, gratidão e carinho. **Somos nós que fazemos esse mundo e lutamos para construir uma sociedade saudável e próspera.**



# Sumário

Apresentação.....	11
Maternidade: ponto de transformação .....	12
Inesp .....	14
Maternidade e Trabalho: um caminho possível.....	16
<b>PARTE 1 • Parlamento e maternidade.....</b>	<b>20</b>
Deputada Emília Pessoa .....	22
Deputada Gabriella Aguiar .....	24
Deputada Jô Farias .....	26
Deputada Juliana Lucena.....	28
Deputada Larissa Gaspar .....	30
Deputada Lia Gomes .....	32
Deputada Luana Ribeiro .....	34
Deputada Marta Gonçalves .....	36
Deputada Dr <sup>a</sup> . Silvana.....	38
<b>PARTE 2 • O poder do relato na maternidade.....</b>	<b>42</b>
Ana Patrícia .....	44
Andréa Melo.....	45
Ana Sáslya .....	48
Anislay Romero .....	50
Antônia Regina.....	53
Bruna Brasileiro .....	55
Celine Freitas.....	58
Fátima de Jesus.....	60



Flávia Vasconcelos .....	62
Glaucine Soares.....	63
Heline Joyce.....	64
Karla Sampaio.....	66
Lídia Lourinho.....	67
Lídia Giselle .....	69
Lise Novais.....	71
Lorelai Barros .....	73
Luíza Martins .....	75
Margareth Banhos (Meg).....	76
Maria Aparecida.....	78
Maria da Conceição Guerra.....	79
Maria de Lourdes.....	81
Maria Elenice .....	83
Maria Evanilda.....	85
Mayara Rios e Natércia Rios .....	86
Maria Cristina e Lígia Carolina .....	89
Milene Fonseca .....	91
Rejane Sales .....	92
Sávia Magalhães.....	93
Silvia Helena.....	97
Tarciana Campos.....	100
Valéria Soares.....	102
<b>Sobre o futuro... ..</b>	<b>104</b>
<b>Cristiane Leitão .....</b>	<b>112</b>
<b>As autoras .....</b>	<b>118</b>
<b>Lista de Siglas.....</b>	<b>122</b>
<b>Outras obras sobre o tema .....</b>	<b>123</b>
<b>Um registro histórico.....</b>	<b>124</b>



*Maternidade e Trabalho*  
no Parlamento Cearense

# Apresentação

**P**or nascimento ou adoção, as mulheres veem sua rotina mudar com a chegada de um filho. Ao mesmo tempo, vivenciam uma nova relação entre o trabalho e a família. Uma rotina desafiadora que envolve o gerenciamento do lar. No caso de lactantes, a sobrecarga aumenta. Aquelas com filhos com deficiência e as mães solo necessitam, também, construir e manter uma rede de apoio familiar. Essas mães precisam ser acolhidas.

Planejar formas de incorporar as demandas específicas maternas, sem prejuízo na produtividade, e desenvolver um olhar mais sensível para as relações trabalhistas podem fortalecer institucionalmente esta Casa, pois melhoram as condições psicossociais das servidoras. Pensar ações que possibilitem um reconhecimento do seu valor para o bem comum, mitigando impacto como exaustão e estresse, faz-se urgente. Assim, há uma necessidade latente de ofertar proteção à dignidade das mães, tendo em vista que esse é um direito garantido pela Constituição Federal.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), em parceria com o Departamento de Saúde e Assistência Social (DSAS), tem o orgulho de lançar a obra *Maternidade e Trabalho no Parlamento Cearense*, considerando que amparar as mulheres no exercício integral do maternar e sua conciliação com o trabalho é essencial para a construção de uma sociedade sustentável.

**Deputado Estadual Evandro Leitão**

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

# Maternidade: ponto de transformação

**E**ste é um livro inédito, pensado e escrito por mulheres, mães e profissionais da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), que consegue alcançar uma dimensão que vai além do sexo feminino e da maternidade, considerados pontos de transformação. Apresenta, de forma poética e estética, vivências reais da maternidade como energia vital potente, mais do que decorrente de relações biológicas e afetivas, estabelecidas entre mãe e filho. Aborda experiências que, por vezes, são questionadas pela sua interface com o trabalho, a profissão, a realização pessoal, pelas quais todas as mulheres passam. Ao mesmo tempo em que são únicas, compartilhar esses relatos com as demais colabora para compor uma rede imaterial em permanente deslocamento.

O que sabemos, como mães, é que diversos aspectos inexplorados da nossa psique feminina são desvelados com a chegada dos filhos. São momentos fascinantes e quase místicos, se estivermos determinadas a experienciá-los. Também, é um momento de ressignificarmos as ideias preestabelecidas, os preconceitos enraizados e os autoritarismos estampados em crenças que são passíveis de contestações sobre ser mulher, mãe e profissional.

Mesmo sendo uma experiência peculiar a cada uma, as mulheres adentram em um território onde atravessa uma empatia necessária que é comum a toda mãe. Menciono o encontro com a experiência maternal como representação, na qual cada uma se encontra inserida em coletivo, mas procurando também a singularidade. Um con-

texto no qual as trocas, o compartilhamento, o diálogo, fazem-se necessários para entender que não existem culpas ou culpados, receitas prontas ou modelos rígidos nos desafios que permeiam a interseção entre maternidade e trabalho.

Mediante as mais variadas situações cotidianas, podemos minuciar um conjunto de sensações em que qualquer mulher que tenha se tornado mãe se identificaria facilmente. Contraditoriamente, o uso da linguagem escrita como ferramenta para transmitir essas experiências pode ser um recurso importante para ampliar a discussão sobre a temática e abrandar as angústias que surgem durante esse caminhar.

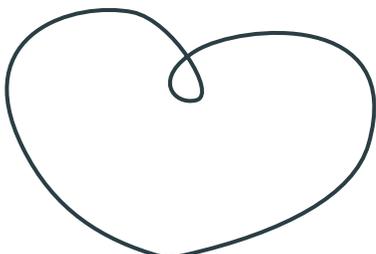
Nesse sentido, para acessar e compreender as vivências relatadas neste livro, teremos de fazer uso da intuição ou das sensações despreziosas percorrendo as páginas selecionadas ao acaso.

O convite é para captarmos a expressão sensorial, imaginativa, intensa e real, em vez de construir julgamentos ou opiniões lineares. Creio que existem diferentes pontos de partida para a leitura: o mais óbvio é partir do “ser mãe”, no entanto, podemos partir do “ser mãe e ter uma profissão”.

Conto com a sensibilidade e a emoção de cada leitora de se reconhecer nos relatos, se apropriando da essência e do sentido que cada palavra e cada imagem representam. Por último, convido-as a viajarmos juntas e a nos deleitarmos com toda a poesia aqui estampada, mantendo a liberdade, sermos fortaleza e leveza, ação e sensação, mãe, avó, mulher e profissional!

**Cristiane Sales Leitão**

Primeira-dama do Legislativo Estadual Cearense



# Inesp

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus projetos, destacam-se o “Edições Inesp” e o “Edições Inesp Digital”, que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e periódicos especializados. O “Edições Inesp Digital” obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O “Edições Inesp Digital” já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil *downloads* por mês e alcançou dois milhões e meio de *downloads*. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro **Maternidade e Trabalho no Parlamento Cearense** é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do “Edições Inesp Digital” e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

**Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda**

Diretor Executivo do Inesp



Este livro é fruto de pesquisa e de dedicação. É mais uma inovação do Poder Legislativo cearense que faz valer suas condições físicas, estruturais e organizacionais, para se destacar e alcançar um alto patamar de visibilidade, de espelho, de exemplo.

É uma honra imensa participar deste projeto que valoriza o ser mãe, o ser profissional, o ser mulher. E nós temos grandes mulheres aqui no Parlamento, inspiradoras, que transformam vidas.

**Maria Elenice Ferreira**

Diretora do Departamento de Gestão de Pessoas da Alece



# Maternidade e Trabalho: um caminho possível



**A** rotina materna é cansativa, mas previsível. Até que: a rede de apoio falha, o carro quebra, o filho adoece ao mesmo tempo em que o chefe chama. Demandas não agendam horário e o mundo só roda se nós estivermos presentes, atentas e fortes. Inclusive de madrugada, no quarto do(a) filho(a) com o termômetro numa mão e a Dipirona na outra. Nesse momento, amarga, também, é a vida. Mais difícil fica se, na manhã seguinte, há reunião de trabalho às 8h e não temos com quem deixar o filho doente. Aí, entre a profissional e a mãe, vence a segunda que, sempre, socorre o filho. **Mas, quem acolhe uma mãe?**

## A gestação

É inédito o que aconteceu conosco, autoras desta pesquisa. Pudemos pausar as atividades convencionais no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), e olhar para a nossa luta materna. No caso, o gestor – Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda – aprovou, valorizou e incentivou, abrindo os caminhos para que nós, servidoras-mães, discutíssemos nossa situação – maternidade versus trabalho –, tão comum, mas que muitas vezes parece atípica.

Este livro nasceu dentro de um grupo de *Whatsapp*. Dividíamos os percalços de fazer girar a vida, apoiando-se e tentando rir dos momentos difíceis. Construímos, sem saber, um diário coletivo do maternar laboral. A cada dia, um novo capítulo, cheio de emoção.

Foi assim que idealizamos, desenhamos, apresentamos e produzimos esta publicação, acompanhada pela revisora ortográfica, Sandra Mesquita, a quem somos muito gratas. Vimos a pes-

quisa ganhar um projeto gráfico, que não só a embalou, mas a elevou a um formato maduro de apresentação à sociedade, como faz uma mãe. Aqui, contamos com a colaboração do servidor, amigo e talentoso designer, Valdo Costa.

Pensando o conteúdo de forma didática, decidimos dividir a obra em duas partes, a saber:

**Parte 1 – Parlamento e maternidade:** artigos, na íntegra e assinados pelas parlamentares que ocupam esta Casa. Os textos relatam as suas experiências e reflexões relacionadas ao tema.

**Parte 2 – O poder do relato na maternidade:** depoimentos, levantados por meio de entrevistas diretas que seguiram três perguntas norteadoras aplicadas por uma das autoras, a psicóloga clínica do DSAS, Sâmya Régia Vieira Antero (CRP 11/11131). No início, cada gestor dos setores da Casa indicou uma servidora-mãe para a entrevista; depois, as próprias indicaram outras que vivenciaram situações importantes. Os discursos foram transcritos, na íntegra. Em seguida, selecionamos os trechos considerados mais impactantes.

Os momentos de transcrição dos relatos nos levaram a um encontro potente, que acontece em um espaço invisível, só ocupado por quem cria e mantém uma vida. Foi forte, foi pulsante, foi necessário. Vimo-nos irmanadas a essas pessoas que, diariamente, encontrávamos nos elevadores, no Plenário e nos banheiros femininos. Elevamos o nosso contato; antes, educado; hoje, amoroso e empático. **Encontramo-nos nelas!**

## Uma ultrassonografia afetiva

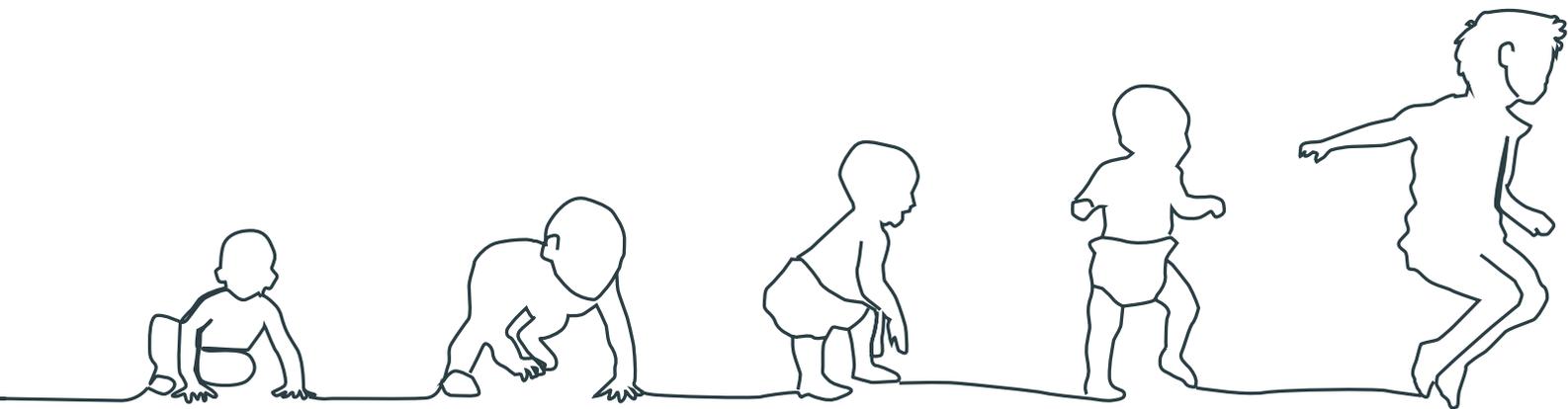
Ver as ideias tomando forma. Um abraço coletivo e colorido nos jardins do Parlamento. Mães e filhos(as) se reconhecendo em comemoração. Um registro do fotógrafo Marcos Moura para eternizar esse feito. **É momento de festejar!**

## O parto

A liberdade da escolha sobre os formatos, virtual e/ou físico e a decisão do nome que daríamos. Ganhamos uma Doula - Dra. Cristiane Leitão -, que acompanhou todo o período da gravidez. Sentimo-nos por ela encorajadas e recebemos o suporte necessário para que, hoje, você possa ter acesso a esses representativos e fortes relatos. **Entregamos, agora, nosso filho ao mundo e ficamos na torcida materna para que ele alcance o sucesso.**

As autoras:

**Luzia Rolim, Rachel Garcia e Samya Régia Antero.**



*Vai, filho, o mundo é teu!*



PARTE

1

PARLAMENTO E  
*Maternidade*

## *Quão invisível as causas maternas podem ser em um ambiente, majoritariamente, ocupado por homens?*

**A**s conquistas acerca do direito das mães, apesar dos avanços, ainda se ressentem da falta de aplicabilidade, diversidade e alcance, questões diretamente ligadas aos atos de legislar e fiscalizar.

Para a construção de um maternal possível, uma revisão legislativa que perpassa a representatividade no Parlamento se faz necessária, já que aproxima as leis das reais demandas sociais, trazendo o povo para o centro das decisões, sem perder o teor crítico, e atendendo os anseios com legitimidade.

Políticas públicas que contribuam para o bem-estar das mulheres ganham força com a presença de parlamentares mães para atuar em defesa desse espaço, pois concede o entendimento da sua real dimensão, bem como dos cenários que ocupam no estado e no país.

O olhar materno, por sua bagagem experiencial, é naturalmente mais sensível e empático e tende a perceber questões como a presença de creches em locais de trabalho - grandes empresas ou instituições -, os tempos destinados às licenças - incluindo paternidade -, a designação de espaços para aleitamento, uma pena maior

para crimes de violência obstétrica, a ampliação de bancos de leite, a flexibilidade de carga horária para mães de deficientes e/ou mães de múltiplos, entre outras.

Sabe-se que muitas gestações vão além da decisão de gerar um bebê, mantê-las requer a garantia de acesso à saúde, educação e segurança por parte do Estado. A popularização dos métodos de contracepção e a disseminação de informações sobre saúde reprodutiva e planejamento familiar são basilares.

Se pensarmos que uma das maiores justificativas para que mulheres se mantenham afastadas do mercado são os afazeres domésticos e maternos, e que o tempo dedicado a esse trabalho não é remunerado nem contabilizado para cálculo de aposentadoria, o problema se agrava.

Outras questões, como o direito à escolha sobre a maternidade e o auxílio mensal para mães de baixa renda precisam ser repensadas, o que nos leva, novamente, para a importância da presença de mães no Legislativo. ■

“

*Uma sociedade que se quer justa e democrática tem na maternidade uma bandeira de cuidado e proteção.*

”

A maternidade representa o vínculo de amor mais puro e incondicional que existe. O peso carregado por meses, as dores, as noites mal dormidas, nada supera a felicidade de segurar nos braços uma nova vida, o verdadeiro milagre da perpetuação da espécie.

Na Bíblia, a maternidade é definida pelo Apóstolo Paulo como sendo colaboração à obra do Criador, um verdadeiro sacerdócio, pois a mãe é chamada a transmitir, não somente a vida física, mas a educação, a formação moral, ética e espiritual. Uma experiência que traz inúmeras alegrias, descobertas, grandes desafios, e transforma positivamente a vida das mulheres.

Olhar a maternidade como fundamental para a vida requer cuidados com a saúde no pré-natal; com o acesso a maternidades devidamente equipadas, inclusive com UTIs neonatais; com políticas de vacinação e de conscientização para a importância do aleitamento materno; com atividades físicas para gestantes; com acompanhamento psicológico para mães, quando necessário; com auxílio maternidade. Enfim, valorizar a mulher no seu momento mais sublime, a maternidade.

Atualmente, embora muitos dispositivos legais cuidem da proteção das mulheres trabalhadoras, em função da maternidade, mães ainda enfrentam os desafios de cuidar de seus filhos e de cumprirem a contento suas



jornadas de trabalho. A maternidade, portanto, requer esforços também da Administração Pública para disponibilizar creches e melhorar o serviço de saúde, para que as mães trabalhadoras possam acompanhar melhor as necessidades dos filhos pequenos, mantendo-os seguros e protegidos durante o período que se dedicam ao trabalho.

Conciliar maternidade e trabalho é um grande desafio para as mulheres. Diante disso, é fundamental que os líderes tenham um olhar sensível e cuidadoso para as profissionais mães que estão em período de readaptação ao trabalho, e participem de forma colaborativa nesse processo, colocando-se à disposição para auxiliar e proporcionar um ambiente seguro. Afinal, a maternidade não deve ser tida como um fardo, um dilema pessoal, mas, sim, como uma prática social a ser valorizada, compartilhada, celebrada e suportada por todos os indivíduos e instituições. Assim, acredito ser possível caminharmos juntos em direção ao exercício da maternidade, que considere as mulheres na completude do seu ser, sem terem os fardos da vida aumentados, para que possam vivenciar o brotar do mais significativo amor e a construção dos vínculos que, com a Graça de Deus, iluminam a humanidade.

***Deputada Emília Pessoa***

Mãe da Renata e avó do Miguel



“

*Gerar uma vida é muito mais que colocar uma pessoa no mundo. É dar nossa contribuição para a construção da sociedade e do mundo que queremos.*

”



**J**á posso começar o texto afirmando que não é fácil ser mãe. É compromisso e responsabilidade, misturados a um amor incomensurável e incondicional.

Fui mãe aos 31 anos. Cedo para os padrões atuais, e tardios, quando revemos a história recente da sociedade, mas foi no tempo certo, na hora exata e com o parceiro de vida que eu sabia que estaria perto de mim nos melhores e piores momentos de minha vida.

Maitê chegou de maneira esperada e, mesmo sendo planejada, o turbilhão de emoções veio e nos retirou do mar da tranquilidade para nos dar força de superar qualquer cansaço ou dificuldade para irmos além.

Venho de uma família que sempre estimulou o protagonismo feminino, seja na política ou na vida profissional. Sou médica há dez anos, tenho a Geriatria como minha linha de atuação. Ou seja, procuramos dar as condições para um envelhecimento saudável, porque o envelhecer é parte inerente da existência humana.

No ano passado, fui eleita deputada estadual e desde fevereiro passado, além de médica, professora, mãe de Maitê, mulher de Claudinho, tenho o compromisso com o povo do estado do Ceará. É muita coisa? É sim! Mas é possível conciliar cada atividade e cada missão.

***Deputada Gabriella Aguiar***

Mãe da Maitê



“

*Maternidade e trabalho podem ser duas áreas da vida de uma mulher que geram muitas reflexões e desafios.*

”



**Q**uando fui mãe pela primeira vez, vinte anos atrás, eu ainda não era uma figura pública. Meus primeiros anos de maternidade foram desafiadores, como é para qualquer mãe de primeira viagem. A gente não aprende a ser mãe, mas isso nos prepara para tudo, seja qual for a situação. Eu e Nezinho tivemos uma vida muito difícil, financeiramente falando. Eu, em Irauçuba. Ele, em Pentecoste. Contudo, nossas famílias sempre nos encheram de amor e afeto. Esse foi o melhor ensinamento que trouxe para a minha vida. Claro, além do desejo de dar o melhor para meus filhos.

Somente anos depois, Nezinho e eu nos envolvemos na política de Horizonte, cidade que nos acolheu e para a qual dedicamos nossa vida. Nossos outros dois filhos chegaram quando a política já estava inserida no nosso dia a dia. Com isso, conciliar maternidade e carreira foi um pouco mais complicado. Sempre tive rede de apoio. Pessoas maravilhosas passaram pela minha vida e pela vida dos meus três filhos. Todos contribuíram para quem somos hoje: homens e mulheres de bem.

De uma coisa tenho certeza, maternidade e trabalho podem ser duas áreas da vida de uma mulher que geram muitas reflexões e desafios. Existem muitas experiências diferentes. Quantas vezes tive que largar agendas importantes e voltar para casa correndo e cuidar das crianças. Ou ir à escola. Ao médico. Enfim, vida de mãe é igual para todas.

Por outro lado, vivi histórias que podem inspirar muitas mulheres, pois, apesar dos inúmeros desafios, 40 anos depois, estou aqui, deputada estadual e mãe de três filhos. Também tenho um neto, que é meu grande amor, que me fez mãe pela quarta vez. Posso ser uma fonte de inspiração para outras mães.

Juntas, precisamos enfrentar os desafios e apoiar as jornadas de todas as mães, para que possamos ter as mesmas oportunidades e reconhecimento que os homens no mercado de trabalho, no setor público ou privado.

**Deputada Jô Farias**

Mãe da Emanuele, do Daniel, da Mariana e avó do João Manoel

*Maternidade e Trabalho*  
no Parlamento Cearense



*Para muito mais do que olhar para nós, é preciso ser a voz de todas.*



**A** maternidade surgiu na minha vida como a realização de um sonho. E esse sonho não me fez abrir mão de outros. Servir à população é, antes de tudo, uma responsabilidade vocacionada. Contudo, é preciso ter organização e uma teia de apoio para garantir tempo de qualidade com minhas Julia e Sofia.

No Parlamento, conto com uma equipe de gabinete bem estruturada e apoio familiar. Nós mães, agentes públicos, nos propomos a entregar o máximo à população. Os colegas também contribuem quando externam e atuam com sensibilidade para todas as mulheres. Nesse contexto, chamo a atenção para cada vez mais mulheres participarem da vida pública. Espaços de poder merecem nossa presença, uma vez que lutamos dia após dia por mais oportunidades e igualdade.

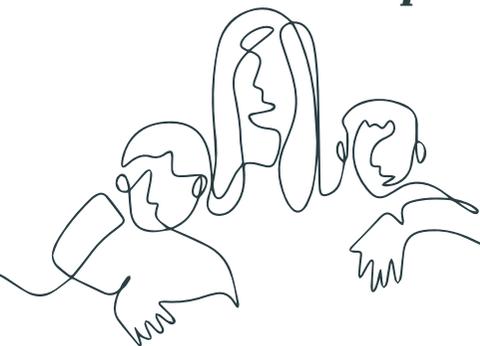
Para a Legislação Brasileira, os direitos são iguais para homens e mulheres. Entretanto, na prática, somos nós as responsáveis pelos cuidados dos filhos. A sobrecarga de tarefas é uma realidade de muitas, de uma esmagadora maioria. Para as mães atípicas os percalços são ainda maiores; algumas são acometidas pela falta de autocuidado, pelas doenças psicossomáticas... são mulheres que, em grande parte, sofrem por caminhar sozinhas. O título de mãe guerreira vai ao encontro ao de mãe sobrecarregada.

Projetos como a Indicação 98/2023, de minha autoria, que cria centros especializados para pessoas com TEA nas macrorregiões do Ceará são instrumentos que fortalecem o apoio a essas mães. Além disso, assino também o Projeto de Lei nº 400/2023, que

institui o selo Empresa Amiga da Mulher. A proposta visa conceder um selo de reconhecimento às sociedades empresariais que adotem práticas direcionadas à inclusão profissional e defesa dos direitos das mulheres. Ação necessária e reparadora para nós, no mercado de trabalho. Gerar um bebê vai muito além da manutenção de uma gestação, passa pelo direito de exercer a maternidade com a garantia do acesso à saúde, educação e segurança. Reconhecer nossos privilégios é também entender que políticas públicas merecem foco a todas as mulheres e, principalmente, às mães mais vulneráveis. Ser mãe não é somente uma escolha. É nosso direito viver a maternidade.

## **Deputada Juliana Lucena**

Mãe da Júlia e da Sofia



*Depois de gerar um filho – seja no ventre ou no coração –, não há nada que nós mulheres não possamos fazer.*



Entre 2016 e 2022, o Brasil teve, em média, 52% do eleitorado constituído por mulheres, 33% de candidaturas femininas e apenas 15% de eleitas, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Somos a maioria da população e eleitoras do país, mas ainda uma minoria a ocupar os espaços de poder e decisão. Numa sociedade estruturada pelo patriarcado, conciliar política com maternidade é um dos muitos desafios que enfrentamos para estar neste espaço de poder, majoritariamente, ocupado pelos homens.

Houve avanços sobre o tema, mas ainda há muito preconceito, machismo e violência política baseada no gênero. Apesar do aumento da representatividade feminina nos espaços de poder após a legislação específica de cotas eleitorais, em 2009, o Brasil ainda está distante da igualdade de gênero nos poderes Executivo e Legislativo.

Culturalmente, somos cobradas pela escolha de ser mãe, dona de casa e ter a militância política. São três jornadas para dar conta.

O nascimento do meu filho foi algo que trouxe um aprendizado sobre como ser mulher, mãe, cidadã e também sobre amor. Trouxe-me outras formas de viver e enxergar o mundo. Há sete anos, a maternidade me mostra que, depois de gerar um filho – seja no ventre ou no coração –, não há nada que nós mulheres não possamos fazer.

Em meio a campanhas eleitorais, debates, disputas políticas, votações em plenário ou no corpo a corpo nas ruas – com reuniões em diferentes cidades, inclusive, aos finais de semana e feriados –, conciliar a maternidade com a atuação política é uma missão que abraço por entender a necessidade de lutar não só pela minha família, mas também pela de tantas outras mulheres.

Quando a gente vira mãe (ou pai), a dor do mundo passa a doer também na gente. Por isso, nosso mandato busca construir políticas públicas com esse olhar do afeto, do cuidado, da equidade e da diversidade. Ser mãe me fez querer ainda mais que todas as crianças tenham comida, escola, saúde, segurança, moradia e felicidade. Ser mãe é realmente revolucionário!

***Deputada Larissa Gaspar***

Mãe do Gabriel





*Em uma sociedade machista como a nossa, o filho é da mãe.*



**A**pós um período de tentativas, engravidei de um casal de gêmeos: Marina e Vicente. Dediquei-me, exclusivamente, aos meus filhos e me considero uma mulher privilegiada, pois tive essa opção e rede de apoio. Após oito anos, quis voltar ao mercado de trabalho, mas me sentia insegura, desatualizada e despreparada. Estudei bastante e precisei de muito incentivo e apoio para conseguir voltar.

Essa é uma dificuldade que muitas mães enfrentam, não só para se reinserir no mercado de trabalho, mas para conciliar emprego, maternidade e autocuidado. Isso porque ainda sofremos com a pouca divisão das tarefas domésticas e com os cuidados com o bebê, além das noites mal dormidas, carga mental e pressão de toda a sociedade. Somos julgadas o tempo inteiro como mulheres e mais ainda como mães. Os pais, por exemplo, nunca escutaram alguém perguntar com quem deixaram seus filhos para poder trabalhar, mas a mãe ouve essa pergunta o tempo inteiro. Em entrevista de emprego, é comum o empregador questionar a candidata que é mãe com quem ela deixa o filho quando ele adocece, mas não perguntam ao candidato que é pai. E por quê? Porque, em uma sociedade machista como a nossa, o filho é da mãe.

Conciliar maternidade e trabalho não deveria ser difícil para a mulher, que possui uma força e capacidade inexplicáveis de administrar várias coisas ao mesmo tempo, executar suas tarefas com excelência e se manter forte. Quem dificulta é a sociedade com tanto julgamento e pressão, exigindo da mãe que ela “trabalhe como se não tivesse filhos e seja mãe como se não trabalhasse fora”. Precisamos nos tornar uma grande rede de apoio para as mães, com empatia, solidariedade e fazendo mudanças na cultura organizacional das empresas e repartições públicas, tornando-as mais humanizadas, justas e empáticas, investindo em metas, em vez de cumprimento rigoroso de carga horária, por exemplo. Desta forma, poderemos ver mais mulheres ocupando os espaços, com segurança e dedicação, sem a ideia de que a maternidade pode ser um fardo para a sua vida pessoal e carreira profissional, mas com a certeza de que ser mãe não irá mudar absolutamente nada da sua capacidade e não irá inferiorizá-la no mercado de trabalho.

## ***Deputada Lia Gomes***

Mãe da Marina e do Vicente



“

*Eu luto incansavelmente por mulheres que eu nem conheço, mas sei da profundidade de suas dores.*

”



Quando lutamos para eleger mais mulheres na política, não é só para garantir representantes em espaços de poder, mas para assegurar que vai existir atuação em defesa dos diversos papéis que o público feminino ocupa, principalmente, o de mãe.

Muitas vezes, a sociedade define um posicionamento plural da mulher frente à maternidade, o que a impossibilita de seguir o fluxo normal da sua vida. Conciliar maternidade e trabalho requer uma estabilidade que nem sempre é viável para as mulheres, principalmente, quando existe alguma circunstância associada, por exemplo, algum diagnóstico relacionado ao transtorno do desenvolvimento intelectual.

Como mãe de autista, iniciei uma luta para garantir que todas as mães de crianças com deficiência possam ter uma vida mais digna. A caminhada nunca foi fácil, mas sigo despertando nas pessoas a importância do entendimento acerca da inclusão social. Somente o conhecimento vai fazer com que a sociedade abra os olhos e se mobilize para difundir valores, como a empatia e o respeito ao próximo. A deficiência é uma condição social que pode ser minimizada, à medida que nossas atitudes contribuam para eliminarmos as barreiras existentes no dia a dia.

Apesar dos incentivos e das conquistas que se vêm alcançando nos últimos anos, a tentativa de adequar maternidade e carreira ainda é um dos grandes desafios enfrentados pelas mulheres, mães de crianças com deficiência, uma vez que os direitos trabalhistas assegurados são insuficientes, por exemplo, para permitir uma maior redução de carga horária apta ao tratamento multidisciplinar, adequado para o filho.

Ser mãe do Tomás talvez seja o meu melhor papel. É com esse título, de “a mãe do Tomás”, que eu luto incansavelmente por mulheres que eu nem conheço, mas sei da profundidade de suas dores; e por diversas crianças que estão espalhadas por todo o Ceará. A caminhada ainda terá muitos obstáculos. Coragem, determinação e amor são alguns termos que descrevem as mulheres que receberam a missão de serem mães de filhos com deficiência, e é por elas e pelo Tomás, que darei o meu máximo e trabalharei, com excelência, todos os dias.

## ***Deputada Luana Ribeiro***

Mãe do Tomás





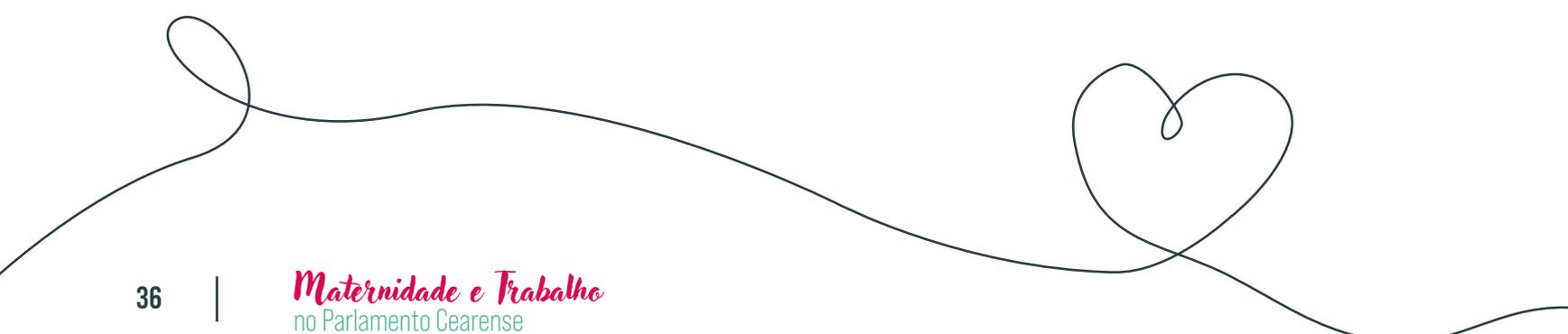
***Trabalho  
inclusivo é  
garantia de  
direitos iguais.***



**S**empre acreditei na força e na resiliência da mulher. Busco, durante toda a minha vida, ser exemplo disso. Sou mãe do prefeito de Aquiraz, Bruno Gonçalves, e do médico Breno Gonçalves. Tive a honra de receber o carinho e a confiança de 112.787 cearenses que me elegeram deputada estadual.

Sempre pautei todo o meu trabalho no compromisso de lutar e defender as causas que sei precisarem de maior atenção. Como deputada estadual do Ceará, tenho realizado ações para reforçar as bandeiras nas quais acredito, uma delas é a inclusão de pessoas com deficiência e doenças raras. Meu gabinete está sempre de portas abertas para receber e dialogar com pessoas que lutam pelos mesmos propósitos. Trabalho inclusivo é garantia de direitos iguais para todos.

Quando assumi o compromisso de ser deputada estadual, prometi a mim mesma e ao povo cearense que lutaria, incansavelmente, para melhorar a vida das famílias do nosso estado. Cuidar das pessoas é meu grande propósito, mesmo antes de ingressar na carreira política.



Sempre fui muito proativa, mas fui e sou uma mãe muito participativa na vida dos meus filhos. Meus filhos foram criados com uma mãe sempre presente em todos os atos da vida cotidiana, desde levar e buscar na escola, até ajudar na realização das tarefas de casa. Esses atos são os que marcam; é isso que fica de lembrança no coração depois que eles crescem.

Tenho muito orgulho de dizer que consegui, durante a infância deles, conciliar vida pública e maternidade, sempre os priorizando. Sabemos que, hoje, vivemos em uma sociedade mais dinâmica, que exige muito de todos nós. Devemos nos manter vigilantes para tentar, ao máximo, acompanhar a vida de nossos filhos. Hoje, Bruno e Breno são adultos, realizados em suas profissões, e eu, claro, acompanho com admiração os dois homens que se tornaram.

## ***Deputada Marta Gonçalves***

Mãe do Bruno e do Breno



“

***Milhões de mulheres cearenses, também mães e avós [...] merecem todo o cuidado do Estado e a atenção permanente das autoridades públicas.***

”

**H**á muito se diz com propriedade que o trabalho dignifica o ser humano e que a preguiça é a chave da pobreza. Com efeito, esses dois axiomas se coadunam com os ensinamentos que são base da nossa civilização ocidental e que hauridos na Bíblia Sagrada, expressam pelos seus escritores, já nos veterotestamentários, desde a criação, que o Senhor Deus definiu claramente a subsistência humana com a expressão basilar: “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto.” E o apóstolo Paulo, em tempos neotestamentários, admoestou de forma preempatória aos convertidos que ia acolhendo na seara do Evangelho, que “aquele que não trabalha, não coma.” O trabalho constitui, portanto, uma atividade ontológica do ser humano. É uma necessidade e uma exigência moral, sem a qual ele se desveste de sua dignidade.



Ao longo da história da civilização humana, repita-se à saciedade, o trabalho é algo intrínseco à dignidade do homem e da mulher; sem ele não dá pra ser feliz, consoante ecoa na música do grande compositor Gonzaguinha: “Um homem se humilha/ Se castram seu sonho,/ Seu sonho é sua vida/ E vida é o trabalho./ E sem o seu trabalho/ O homem não tem honra,/ E sem a sua honra/ Se morre, se mata./ Não dá pra ser feliz,/ Não dá pra ser feliz!”. Isto significa dizer que o trabalho deve ser um instrumento não apenas de sobrevivência, de dolorosa obrigação, mas um lugar de alegria e possibilidades de realização pessoal e coletiva.

No contexto histórico, a mulher sempre teve uma posição de destaque na formação das sociedades, em razão da sua atuação por intermédio do trabalho. Não apenas do trabalho físico, mas também e, sobretudo, do trabalho intelectual e espiritual. Em tempos antigos e até em períodos não tão distantes dos dias hodiernos, a mulher com o seu trabalho doméstico deu sustentáculo para grandes conquistas da humanidade, que a história colocou na conta dos homens. Todavia, de fato, elas foram partícipes e mesmo protagonistas nos feitos de grande relevância para o futuro da humanidade. Guerreiros, conquistadores, cientistas e intelectuais só conseguiram realizar suas obras porque tinham ao seu lado, dando-lhe apoio e sustentação plena, mulheres de fibra moral e coragem. Que seria de Abraão se não fosse Sara? Que seria de Davi sem Mical? Assim como tantas mulheres que protagonizaram os difíceis tempos bíblicos, tais como: Séfora, Débora, Ester, Salomé, Rute e, em especial, Maria, a mãe do Salvador, que enfrentou as agruras de um mundo cruel ao lado de seu esposo, José. Que seria de Napoleão sem Josefina? Pierre Curie teria conseguido o êxito alcançado em suas pesquisas químicas, sem o concurso direto da esposa Marie Curie? Foi o trabalho dedicado e permanente dessas mulheres e de muitos milhares de outras, cada qual no seu campo de ação, que trouxeram o mundo para a modernidade.

Foram as mulheres, diga-se com ênfase, que humanizaram todo o processo de desenvolvimento das sociedades em todo o planeta, notadamente do chamado mundo do trabalho. Sendo profissionais e mães, elas foram se conscientizando que o seu mérito apenas na condição de doméstica não lhe valia as prerrogativas que a legislação positiva, normalmente feita por homens, deveria lhe conceder. Elas empunharam a bandeira do trabalho, a demonstrarem às sociedades suas múltiplas capacidades, inclusive a mais bela, qual seja a de ser mãe e, concomitantemente, desempenhar qualquer papel no cenário socioeconômico, político e cultural.

Já a partir do século XIX, esse desiderato feminino foi alcançando os objetivos colimados em todos os segmentos sociais. As mulheres intensificaram a participação no mercado de trabalho, tornaram-se mais visíveis e, conseqüentemente, a partir da própria revolução industrial foram colocando suas exigências e demonstrando suas capacidades de luta, sugerindo e protagonizando grandes transformações nos ambientes por onde passam. Isto implicou que participassem também das atividades político-partidárias com maior afinidade e, conseqüentemente, chegassem aos parlamentos.

Entre nós, tanto nos parlamentos municipais quanto no Parlamento estadual, as mulheres, ao longo do século XX e nos dias atuais, têm adotado um protagonismo digno de ser ressaltado pelos historiadores, até porque as páginas dos jornais e os anais da Alece estão cheios de notícias da efetiva participação da mulher, sempre defendendo os direitos femininos e, mais ainda, defendendo com desenvoltura e coragem os direitos daqueles menos assistidos pelo poder do Estado. Não constitui surpresa observar o óbvio ululante, qual seja a elevada sensibilidade da mulher em face de problemas que, muitas vezes, passam ao largo do olhar masculino. Isto se deve em grande parte à maternidade, uma condição única e intransferível da mulher. A grande maioria das

mulheres que tomaram assento na Alece, senão todas, eram mães. Atualmente, a maior parte é formada por mulheres que conhecem a grandeza e saboreiam o néctar de serem mães, sendo também profissionais que trabalham em prol do povo cearense cotidianamente. Algumas, iguais a mim, têm a dupla alegria de ser mãe e avó. Meus dois filhos, Moacir Neto e João Gabriel; meu neto Davi e minha neta Helena, me completam espiritual e psicologicamente, como mãe e avó que se preocupa com a vida de milhões de mulheres cearenses, também mães e avós, as quais merecem todo o cuidado do Estado e a atenção permanente das autoridades públicas.

### ***Deputada Dr<sup>a</sup>. Silvana***

Mãe do Moacir Neto, do João Gabriel e avó do Davi e da Helena





PARTE

2

O PODER DO RELATO NA  
*Maternidade*

**L**ibertar-se, pedir socorro, expor o que se sente e como sente. Falar é um modo de representar a realidade, de articular as vivências e situar os acontecimentos passados. É um caminho para se coordenar possibilidades para si e para todos, como se faz neste livro, que é um grande encontro de semelhantes.

Aqui, estão mulheres que se reconhecem e podem fazer um ponto de partida para alianças de apoio, interação e cooperação. Mães que, por si só, colaboram, imensamente, para a evolução da sociedade e que têm seu valor muito além do que produzem monetariamente. Mesmo assim, estão forçadas a atender as exigências sociais, do mercado, da família, de si mesmas.

A maternidade, enquanto construção social na pós-contemporaneidade, passa pela postergação da gestação, pela redução do número de filhos, pela necessidade de realização profissional, por novos desafios sociais, econômicos e tecnológicos e pela quebra de estereótipos culturalmente ultrapassados. Mas passa, também, pela educação da não violência, com mais informações, com artigos científicos disponíveis a um clique no celular e pelo entendimento de que cada maternidade é única e que se deve respeitar a subjetividade e história de cada mulher.

A ideia, aqui, foi transformar e mobilizar ações para o futuro, a partir da fala espontânea, sem discurso pronto, escrito. As depoentes, por trazerem à luz suas vivências passadas, depararam-se com suas dores e uniram seu passado aos dias atuais, projetando-os para estampar o futuro, seu e de seu grupo. ■

“

***Conciliar trabalho e maternidade com menino pequeno é complicado, porque dependemos de escala de serviço do policial. Tem que fazer um malabarismo total.***

**Ana Patricia**

”

“Meus filhos sempre tiveram presente no meu local de trabalho, principalmente, o mais velho que foi onde tive mais dificuldade em ter uma pessoa pra cuidar. Foi bem difícil porque o marido saía para trabalhar, também. E o menino, ficava com quem? Primeiramente, com minha mãe, mas ela passou a ficar doente, coisas da idade. Eu tinha que trazê-lo. Fiz, até, uma fardinha para ele, na época. Ele vinha alegre e satisfeito.

Eles admiram bastante. Dizem até que vão ser militares, lá na frente.”

**Ana Patrícia Azevedo**

Mãe do João Paulo e do Gilberto



“

***Nesta Casa,  
pude fazer  
muitos resgates,  
inclusive o de  
mim mesma.***

**Andréa Melo**

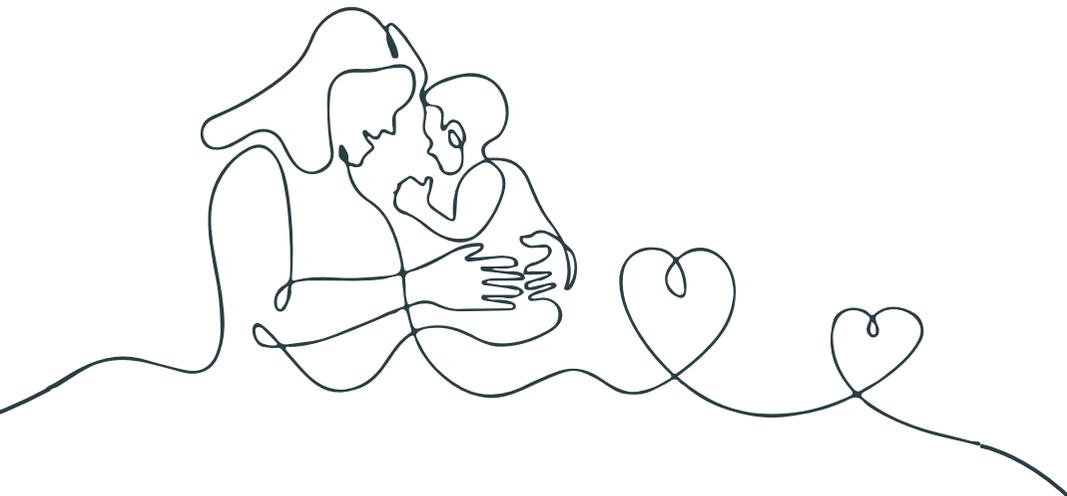
”

“A maternidade chegou bem cedo: na minha adolescência. Em um momento em que eu não cabia em mim. Quando eu me construía, ela, a maternidade, chegou e me desconstruiu.

No início, eram muitas dores, muitas dúvidas e, de certa forma, muito desamparo, também. Ser mãe é meio louco, temos que dar o que não sabíamos que tínhamos. Apesar de tantas incertezas, eu provi. Provi amor, cumplicidade e confiança. Pelo menos, foi essa a minha intenção.

Depois da tempestade, vem a calmaria e essa paz chegou. Nesse momento, o meu materno me maternava, também. Já mais madura, mais forte, fui germinar neles a fortaleza que a vida me impôs. A vida é, e sempre será, esse mar; momentos de fúria, momentos de tranquilidade. E o que acredito ser mais importante é que tudo passa. Tudo passa.

Nesse ínterim, entre crescimentos e evoluções, minha história chegou nesta Casa. Sou extremamente grata e orgulhosa por fazer parte da Assembleia Legislativa. Foi aqui que aprendi, e fiz os meus filhos aprenderem, a importância da democracia, do diálogo entre partes antagônicas na discussão política.



Entrei na Alece no dia 1º de abril de 2003; o dia da mentira foi o meu dia da verdade. Nesse dia, saí tão desnorreada, que peguei um ônibus e só chorei. Um choro de muita alegria, de muita gratidão e de muita responsabilidade e compromisso, também. Eu estava fazendo parte da formação das leis que normatizam a vida de todos os cearenses. Foi uma emoção absurda que senti. Senti orgulho de mim, da mulher que estava sendo construída, da minha nova trajetória. Naquele momento, eu agarrava, para não mais soltar, a oportunidade que se apresentava para poder oferecer, com segurança, o sustento para os meus filhos, para a minha família.

Antes de chegar à Alece, eu trabalhava três expedientes, em uma escola estadual, na periferia de Fortaleza. Eu contribuía para a construção de uma visão de mundo mais esperançosa; tanto para eles (os alunos), como para mim. Meu salário era pouquíssimo e mal dava para cumprir com minhas obrigações sociais. Na verdade, muitas vezes faltou o que comer. É muito difícil criar os filhos sem uma rede de apoio.

Comecei a trabalhar na Assembleia, recebendo um salário mais justo e pude ter mais tempo com meus filhos, presenciar o sorriso deles, a alegria de brincar, escutá-los e ouvir os chamados eternos da palavra: mãe!

Quando recebi meu primeiro salário, levei meus filhos ao shopping, nós fomos celebrar o novo que chegava, com comida, sorrisos, conversas e muita alegria.

Lembro quando meu pequeno Matheus me perguntou:

— Mãe, eu posso pedir o que eu quiser?

Eu respondi: — Tudo!



Ele, com aquele olhar de menino surpreso, sem acreditar, perguntou mais uma vez.

— Mãe, tudo mesmo? Quantos sanduíches eu quiser?

— Quantos você desejar.

Foi uma festa, uma linda festa. Minhas filhas Letícia e Tatyana riam sem parar, rimos de nós, rimos da vida. Nós comemos muito e conversamos sobre a importância do meu novo trabalho. Para alguns, isso pode não parecer importante, mas para nós foi uma virada de chave.

Comer sanduíche foi, para nós, um marco. Para as minhas crianças, foi tudo, tudo mesmo. E eu me senti a mãe mais realizada, orgulhosa de poder proporcionar aquele momento, que até hoje se repete. E virou tradição nos momentos de início ou término de nossos ciclos; sejam eles bons ou não tão bons.”

**Andréa Fernandes Melo Vieira**  
Mãe da Letícia, do Matheus e da Tatyana



“

***Trazer essas mães para ter esse olhar enquanto ser, enquanto mulher, é muito importante para que elas tenham condições e forças de dar autonomia para o filho.***

***Ana Sáskya***



”

“Meu filho está com 21 anos, passando pelo processo do Enem. Em meio a todo o nosso dia a dia, faz-se necessário, também, ter um olhar para esse jovem que busca um futuro. Como o trabalho que eu desenvolvo na Alece é com criança, não deixa de ser maternal. Isso faz com que eu olhe pra ele e faça uma retrospectiva. Dar um suporte na questão da saúde mental é muito importante. Então, conseguimos ter nossos momentos de conversa, de assistir a um filme, de ir comer algo que gostamos, falando das nossas dores e, ao mesmo tempo, buscando soluções.”

“O trabalho que o Ciadi desenvolve com crianças com Transtorno do Espectro Autista e com Síndrome de Down é integral. Quando ela chega, não vem só, vem com a mãe, o pai, a escola. O olhar pra essa criança é inteiro, independente das dificuldades que ela apresente, e isso remete sempre à minha maternidade. Quando eu olho para uma criança de oito anos, me pergunto:

— Onde eu estava com meu filho? O que eu estava passando com ele?

Nessa idade, ele estava com um problema sério e eu tive que saber lidar com isso. Hoje, estar aqui me traz um desejo de mostrar a essas mães que isso passa. Precisamos somente de aprender a lidar com as situações. Porque eles são importantes nas nossas vidas, mas somos tão importantes quanto. Precisamos saber equilibrar isso.”

“Dentro do Ciadi, temos um grupo de mães acompanhadas, individualmente e em grupo, por uma psicóloga. No ano passado, elas iniciaram com o projeto Bem Me Quero, que é um trabalho de autoestima. Posteriormente, seguiu-se com as Práticas Sistêmicas Restaurativas, também dentro do Centro. Os resultados têm sido maravilhosos. Mães têm dado *feedbacks*:

— Eu estou conseguindo me olhar mais.

A maioria se anula, de forma pessoal e profissional, para se voltar ao cuidado do filho e acaba se tornando empreendedora porque precisa de alguma renda. No final do ano passado, realizamos uma feira só das mães do Ciadi. Tem mãe que vende produto de beleza, tem mãe que vende brinquedos, tem mãe que faz alimentação, outras estão no artesanato e estão se cuidando. Isso me deixa mais animada ainda. É tudo feito com muito carinho, com muito amor. Olhando pro grupo, mas vendo cada ser individual, na forma que ele é, e isso é fantástico.”

“Gostaríamos de fazer mais, porém não temos como atender tantas crianças. Às vezes, eu digo a elas assim:

— Meu filho não tem nenhum transtorno, mas eu precisei me desapegar para dar autonomia para ele. Quando temos um filho que não tem tantas habilidades, superprotegemos mais ainda. Isso precisa ser muito bem cuidado, muito bem olhado, porque vai mexer diretamente com as nossas dores.”

**Ana Saskya Vaz de Araújo**  
Mãe do João Henrique



*A maternidade é vendida pra gente como sinônimo de felicidade e de perfeição. Então, se cria aquela história do mito do amor materno.*

**Anislay Romero**

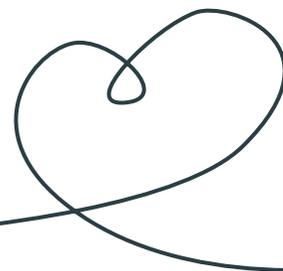


“Quando eu fui mãe pela primeira vez, era estudante de Direito, e tinha passado pela cadeira de Penal, que vê sobre a questão dos crimes cometidos no Estado Puerperal. Eu, adolescente, sem ser mãe ainda, (pensava):

— Meu Deus, como alguém, no melhor momento da vida, vai ficar triste?

É, como se diz, a gente tem que morder a língua. Na minha primeira filha, eu tive Estado Puerperal, porque, quando ela nasceu, meu avô, que era uma referência de vida pra mim, estava hospitalizado. Quem visitava meu avô não podia me dar assistência. A minha mãe não podia me visitar, (nem) as minhas tias. Eu me vi completamente só nesse período tão importante, vendo um ser, ali, com aquela responsabilidade enorme, e com um mundo totalmente desconhecido. Durou, mais ou menos, um mês e, depois, meio que criou uma extensão de mim aquela criaturinha. E, aí, eu passei a vivenciar a maternidade com mais tranquilidade. Mas sempre consciente de que era uma responsabilidade muito grande.”

“Na época que fui mãe, tive a sorte de ter um pai participativo, para a época. No horário de trabalho, a prioridade (dele) era o trabalho. No fim de semana, realmente, ele era bem participativo. Mas o grande ônus ficou, realmente, sobre minha pessoa. Então, diminuí a carga de trabalho.”



“Além de trabalhar aqui na Casa, eu advogo, com família e sucessões. E é bem pesado a gente conciliar essa expectativa de perfeição, com profissão, com horário e com tudo que o mercado de trabalho exige das mulheres. Ele exige a mesma coisa dos homens. Por mais que a gente fale sobre a questão remuneratória, é de conhecimento que a grande maioria (das mulheres) não recebe a mesma remuneração, se comparado com os homens, mas a exigência é a mesma.”

“Eu comecei a me libertar de dizer: ‘Olhe, não posso fazer isso, porque minha filha está doente’, quando fui participar de uma audiência de instrução, de tomada de depoimento das partes, e a juíza parou a audiência, por um instante, atendeu ao telefone e ficou dando instruções para a pessoa que estava com o filho dela, que estava com otite. Aquilo pra mim foi libertador. Posso ser mãe e profissional. E isso não me diminui em nada.”

“Eu lembro, quando as minhas filhas ainda estavam na faixa de escola, às vezes, o Procurador marcava uma reunião, 11h, no finalzinho do expediente. Elas saíam às 11h45. Quando ia chegando perto de 11h40, eu já não absorvia. Eu dizia:

— Dr. Fernando Oliveira, é o seguinte, me libere, porque não estou mais compreendendo. Não estou mais presente aqui, porque minha filha vai sair, é pequena, quando sai e não vê a mãe, começa a chorar.”



“É uma verdadeira ginástica. E essa história, também, do *home office*, para as mulheres, mostra como essa carga dupla é existente e efetiva. Porque além do profissional, ali estava tudo misturado, a casa e a maternidade. Fui agraciada, porque quando peguei a pandemia, as minhas filhas já eram grandes, já estavam em faculdade, mas eu ficava imaginando quem tinha filho pequeno, como estava administrando o *home office*, tendo que trabalhar e, ao mesmo tempo, roupa na máquina rodando e filho requerendo atenção. Porque as escolas tinham parado. Então, era 24h tudo misturado. É diferente de filho tá na escola, agora, eu estou no trabalho... que não é 100% tranquilo, mas é mais organizado.”

**Anislay Romero da Frota Levy**  
Mãe da Ana Jéssica e da Marcela

“

***Amo essa Casa.  
Estou pensando  
na minha  
aposentadoria:  
O que eu vou  
fazer, meu Deus?***

***Antônia Regina***

”

“A dor da minha maternidade foi ter que deixar meu filho Abraão, o mais novo, numa creche, às 8h da manhã e ir buscá-lo às 17h. No começo, ele chorava. Depois de uns 10 dias, ele dizia:

— Tchau, mamãe. Beijo!

Hoje, é um menino bem educado. Não estou destratando nenhuma cuidadora, mas na creche foi melhor.”

“Eu trazia o Abraão pra cá e ele ficava um tempo, enquanto o pai vinha buscá-lo. Um dia, ele sumiu. Fiquei desesperada e uma menina perguntou:

— Aquele que está ali, comendo feijão no chão?

Eu já tinha ido à polícia, no batalhão. O comandante:

— Vou botar uma ordem pra esse menino não passar aqui, de jeito nenhum.

Ele tinha um ano e meio e se você dissesse:

— Vem cá, Abraão!

Ele lhe dava a mão e ia embora com você.”



“Passei os meus nove meses de gravidez trabalhando, como sempre. Adorava trabalhar. Quando tive meu bebê, que saí de licença, quando voltei, o chefe disse:

— Já voltou? Esse menino não tem mãe, não?!

**Antônia Regina da Silveira**  
Mãe da Sheyla Regina e do Antônio Abraão



“

***O nosso propósito de mãe se sobrepõe a qualquer outro.***

***Bruna Brasileiro***”

“Mas isso não quer dizer que nos limitemos a ser mãe. Inclusive, para ser uma boa mãe, assim como pra ser uma boa esposa ou uma boa filha, a gente precisa ter êxito e realização em outros campos da vida. Eu encontro parcelas dessa realização no meu trabalho, no esporte e na convivência com os amigos, por exemplo.

Mas no que se refere, realmente, ao trabalho, é aquela coisa de que o trabalho dignifica. Ele te dá um motivo, ele te lança desafios que te fazem maior e melhor, e você expande seus horizontes. Por fim, você se torna uma pessoa melhor para os seus filhos, pra ser aquela mãe que seus filhos precisam.

Por mais que seja desafiador a gente equilibrar essas duas atividades, elas se complementam e são fantásticas.

A Casa Legislativa é de uma profunda importância pra mim, porque, recentemente, fui lançada num desafio ainda maior. Fico brincando que a gente passou por duas pandemias na minha família, por uma mundial (COVID-19) e uma pessoal. A Alece se mostrou muito à frente do seu tempo. Se adequou ao trabalho remoto, não parou. Teve essa força propulsora de continuar girando enquanto o mundo parecia parar. A Casa se mostrou muito rica nesse sentido.



Nove dias depois do aniversário de três anos da minha filhinha mais nova, na semana do Natal de 2021, tive a minha pandemia particular. Recebi o diagnóstico de que ela estava com Leucemia. Fui jogada num absoluto vazio existencial, numa escuridão inenarrável e encontrei muito acolhimento da Assembleia, no sentido de que tive condições de realizar meu trabalho tão logo fosse possível. Quando a situação se estabilizou um pouco mais, que ela saiu do hospital e conseguiu voltar pra casa, que a gente conseguiu fazer as quimioterapias mais espaçadas, consegui voltar pra cá, valendo.

Encontrei um acolhimento das pessoas quanto à situação que eu estava passando e quanto ao desenvolvimento do próprio trabalho, que acho muito, muito, muito difícil que eu conseguisse isso em outro lugar, que tivesse outra filosofia, senão priorizar o ser humano, o servidor, o bem-estar comum. Então, sou muito grata. No meu momento de maior escuridão, a Casa foi luz. Eu tenho um prazer muito grande de trabalhar aqui, tenho uma honra.

Eu era da Primeira Secretaria, assim que entrei, e tinha acabado de ter essa minha filha. Eu tinha uma colega de trabalho que achava engraçado, porque eu chegava muito cedo. Ela dizia:

— Como é que pode tu chegar aqui com essa felicidade toda, deixando um filho de um ano e sete meses e a neném de dois meses, ainda amamentando?

— Mas é, justamente, porque eu os deixei lá e estou aqui, sozinha, sendo profissional.

Esse momento também foi muito importante, porque tive o apoio de ter a facilidade de conseguir um espaço para tirar leite, de ir em casa, quando eu precisava dar uma olhada na neném, e voltar. De trabalhar por produção; não necessariamente por horário. Pra quem é mãe, é um divisor de águas.”

**Bruna Layna Brasileiro Ramos**  
Mãe do Benício e da Isabela





*Como a vida, a maternidade não tem receita. A gente vai tateando, vai procurando, vai achando, vai perdendo esse lugar, também. E aí, a gente procura de novo. Porque errar e acertar faz parte, em todos os níveis da vida.*

**Celine Freitas**



“Adoro o meu trabalho e as pessoas com quem trabalho. E isso é uma riqueza, é uma loteria, não é sempre que a gente encontra. E quando ele (o filho) era pequeno, eu precisava, às vezes, me ausentar. E o trabalho me exigia, porque eu trabalho com a VDP, com o pagamento dos deputados, é um processo muito minucioso. Às vezes, eu precisava me ausentar, por consulta. E sempre fui muito acolhida pela maioria e, também, muito disponível. Porque, quando chega o fim do ano, não pode existir nenhum saldo da verba parlamentar. E já teve ocasiões que eu já vim aos sábados trabalhar. Isso, pra mim, nunca foi um problema, e a gente sempre conseguiu organizar as coisas. O trabalho nunca ficou a dever, nem a maternidade, graças a Deus.”

“Não tive depressão pós-parto, mas, durante a minha gravidez, tive uma depressão severa. Não podia tomar remédio, porque estava no início da gestação, e fiquei meses sem vir trabalhar. Eu não conseguia. Porque seu semblante muda, tudo muda. Foi um tempo muito sombrio e muito difícil, pra mim, e eles (colegas de trabalho) me acolheram muito bem. Porque a maioria das pessoas não entende a depressão, nem a gente que sente:

— Meu Deus, por que eu sinto isso?

Mas, logo depois, passou. Eu comecei a tomar medicação, a trabalhar e voltei pra mim, de novo.”

“Ao final da gravidez, eu me separei. Meu filho tinha três meses. Mas não precisei fazer recurso da medicação por conta disso. Amamenteei-o durante dois anos. Então, essa minha segunda família (o trabalho) foi um suporte muito bom e necessário para que as coisas voltassem ao rumo normal.”

“Ninguém nasce mãe, ninguém nasce profissional. Esse movimento é constante. E mãe é o que pode ser naquele momento. Então, um beijo pra todas as mães que estão aí, ralando e se superando.”

**Celine Antônia Freitas de Oliveira**  
Mãe do José Lucas





***Nós estamos vendo uma sociedade onde as crianças estão carentes, não por culpa dos pais, mas devido aos horários, às suas funções. Deixam as crianças nas escolas ou creches e buscam no final da tarde. Estão deixando de ter esse contato mais íntimo com os filhos. Se estiver doente, passar a mão na cabeça, deitar ao lado, que isso é muito gostoso.***

**Fátima de Jesus**

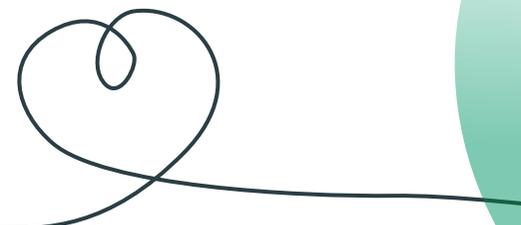


“Quando entrei na Alece, minhas filhas já eram adultas. Vejo as dificuldades que as mães têm para lidar com a maternidade e o trabalho. Você vê que é uma correria, desde a hora que a gente acorda até o deitar, são mil coisas pra fazer. Mesmo com minhas filhas crescidas e uma já casada – a outra ainda mora comigo –, a gente ainda tem aquelas responsabilidades, as preocupações.

Uma das coisas que mais me agradou a ficar na Alece e não ter tentado outros concursos foi a flexibilidade de horários. Se precisar sair antes, falo com meu chefe. Às vezes, precisa. Minha filha adocece, tem que levar ao médico, tem que resolver outra coisa. Complemento (o trabalho) em casa.

Depois da pandemia, nos tivemos que adequar, também, esse outro lado – *home office*. Muitas vezes, saio daqui para uma reunião que só sabemos a hora que vai começar. Hoje, estou na Célula de Apoio à Governança e à Gestão da Coti. Gosto de tentar organizar, de fazer com que o setor seja estratégico. Dá-me prazer o que faço. Mas, se eu tivesse criança pequena, de pegar, de deixar na escola, ficaria mais difícil.”

“Eu sei que a Alece propicia àquelas mães que têm criança em estado infantil conciliar o seu horário. Uma das coisas que acho mais vantajosas de estar dentro do Parlamento é isso. Gosto muito da Casa.”



“Eu vim terminar uma faculdade com quase 40 anos. Dediquei-me, casei muito nova, com 18 anos. Passei cinco anos tentando engravidar e, depois do tratamento que fiz, logo após, minha filha nasceu, e meu marido disse:

— Eu sei que você quer muito fazer uma faculdade. Eu vou lhe propiciar.

Entrei na faculdade, eu era uma das mais velhas da turma. Fiz um curso que não era fácil, Sistema de Informação. Era uma área muito masculina e uma turma muito jovem. Tinha somente umas três colegas com a mesma faixa etária, o que me ajudou bastante.

Vi o quanto fui feliz, porque no final do curso, fui a melhor aluna da turma. Uma vez, um professor me elogiou na frente dos alunos por eu ser a mais velha, ser mãe, morar distante (Caucaia). Tinha que deixar as crianças no colégio, contava com a ajuda da minha irmã e do meu cunhado, porque as nossas filhas estudavam todas na mesma escola e eles me ajudavam, enquanto eu ia pra faculdade. Se desse o horário e eu não chegasse, eles ficavam com as minhas filhas até eu chegar. Tive uma rede de apoio.

Quando elas iam para a faculdade, eu deixava uma na Fa7 e vinha trabalhar. Nosso trajeto era esse: deixava, quando dava 12h, 13h, eu saía, buscava e a gente ia para casa. Nosso companheirismo todo dia foi esse, durante cinco anos.”

**Francisca de Fátima do Nascimento Silva de Jesus**  
Mãe da Anny Gabriele e da Enya Isabel



“

*Eu estou dando o principal, que é atenção, amor, que é acompanhar. Dentro do mercado, pra mulher, isso não é fácil. Eu não deixo de ser profissional por estar ausente.*

**Flávia Vasconcelos**

”



“Eu acho que uma das principais vantagens de ser mãe dentro do Legislativo é a questão da flexibilidade, diferente de outros locais que eu já tive a oportunidade de trabalhar. No momento de aflição, eu poder sair, sem prejuízos. Poder me afastar, ir com minha filha às consultas, estar mais presente na vida dela...”

De tudo que me impacta no meu trabalho, eu sempre falo isso, abertamente, o melhor é essa questão da consciência existente na Assembleia para com as suas servidoras. Eu não me sentir coagida de nenhuma forma e conseguir entregar o trabalho e ser reconhecida.”

**Flávia Vasconcelos Diógenes**

**Mãe da Kauanne**



“

*Deu para eu conciliar, mas foi difícil. Tive a ajuda da minha mãe e do meu pai para ficar com eles e eu levar o sustento para casa.*

**Glaucine Soares**

”

“Perdi muitas reuniões dos meus filhos, porque eu não podia sair, tinha que arranjar uma pessoa pra ir e, às vezes, tinha que ser a própria mãe. O pessoal achava que eu não tinha cuidado com meus filhos pelo fato de eu ter medo de sair do trabalho para ir a uma reunião. Na época, foi difícil. Como eu era separada, era só eu e eles. A minha filha, até hoje, fala:

— Mãe, na minha infância, não tive a senhora, tive a vó comigo.

Fica aquele vazio. A gente pensa que não, mas os filhos da gente cobram.”

“Me separei, eu estava grávida de oito meses e trabalhava como promotora de vendas. Aí, saí. Não podia ficar parada, porque tinha que manter eles dois. Por sorte, uma amiga minha veio distribuir currículos, entregou o meu e eu fui chamada.

Quando eu entrei aqui, minha filha era criança, tinha uns 10 anos e o outro uns 13, 14. Ela levou uma queda no colégio e teve uma fratura. Saí às pressas pra socorrer, mas deu tudo certo, os chefes daqui também ajudaram.

Hoje em dia, está bem melhor, os dois seguem um bom caminho e são independentes. Ela está trabalhando em São Paulo e, há um mês, casou. O meu menino tem a vidinha dele, o trabalho dele.”

**Glaunice Maria Soares**

Mãe do Alessandro e da Glenda





*Existe um mito em relação à maternidade de que tudo é lindo, maravilhoso e perfeito, mas não é assim pra todo mundo.*

**Heline Joyce**



“Não tive muitas dores de ser mãe e trabalhar. A Assembleia Legislativa sempre proporcionou um bom ambiente de trabalho pra quem é mãe.

Quando tive a Lara, eu só tinha 22 anos, e trabalhava meio expediente aqui. Então, eu conseguia conciliar o meu tempo de dedicação a ela e o meu trabalho. Mas tive um aporte familiar no qual uma irmã mais nova e minha avó, por eu morar perto, deixava ela lá e vinha trabalhar. Quando ela completou um ano e nove meses, aí já passei a deixá-la numa escolinha-creche, pra não ocupar tanto o tempo das outras pessoas. Antes de eu chegar em casa, minha irmã ia buscá-la; quando eu chegava, eu levava pra casa. Então, era uma logística que me favorecia.

Cresci, me tornei adulta e amadureci, aqui dentro. Fui bem amparada.

Meu trabalho sempre foi uma prioridade. Penso no que é mais importante na minha vida e o trabalho vem em primeiro lugar. Isso aí, eu não posso negar.

Lembro uma vez que eu ia no ônibus, eu estava grávida, com uma barrigona. Uma mulher sentou do meu lado e perguntou:

— E aí, está preparada?

— Estou!

Ela olhou pra mim:

— A gente nunca está.

E é verdade. Como eu era muito ingênua e imatura, respondi que estava, mas você nunca está.”

**Heline Joyce Barbosa Monteiro**

Mãe da Lara Monteiro



“

***Trabalhar é vida. E o amor de ser mãe é incomparável.***

**Karla Sampaio**

”

“Sempre gostei muito de trabalhar aqui e venho com satisfação. A gente passa muito mais tempo na Alece, do que em nossa própria residência. Então, o Inesp é a minha segunda casa. Minha gravidez, eu adorei, foi uma delícia.”

“Perdi o primeiro filho com quatro meses, já trabalhando aqui. Tive um aborto espontâneo, passei vários dias de repouso e fui, imensamente, acolhida, recebendo um apoio muito grande das minhas amigas e da gestão. Nos outros dois abortos, eu sofri, mas a alegria de ser mãe superou todas essas perdas.”

“A terceira gestação foi a do Lucas, quando eu chegava aqui, bem cedo, e ficava dentro do carro dormindo, até dar 7h45 para subir. Era aquele soninho que grávida sempre tem um pouco a mais. Isso acontecia muito. Eu ficava na ruazinha do Clube do Vôlei, porque ainda não tinha o estacionamento.”

“Pra toda mulher, o trabalho é luz, é vida, é florescer.”

**Karla Costa Lima Sampaio**  
Mãe do Lucas Costa e da Lara Costa





*As dificuldades e os prazeres de ser mãe e ter uma profissão são subjetivos e globais, permeiam o imaginário feminino, individual e coletivo.*

**Lídia Lourinho**



“Quando o assunto é ser mãe, de forma romântica e quase mística, imagina-se a perfeição, contudo, não é fácil. São dores e amores vividos desde os nove meses de gestação, visto que é um cuidado para a vida toda. Sem receitas ou modelos prontos, mas com componentes fundamentais: responsabilidade, respeito, compreensão e, principalmente, amor.”

“Quando comecei a trabalhar na Alece, encontrava-me numa situação delicada. Tinha dois bebês, um de três anos e a mais nova com apenas um ano. Ambos demandavam muita atenção. O mais velho tinha acabado de entrar na escola e passava pelo período de adaptação e a pequena ainda mamava. Na época, trabalhava na Célula de Fonoaudiologia do DSAS e, por diversas vezes, tive que sair correndo para atender aos chamados da escola ou de casa. Teve momentos em que levava o mais velho para o trabalho para não perder os atendimentos. Minha sorte é que sempre fui muito bem acolhida e compreendida pela gestão e pelos colegas, nesses momentos em que as funções de mãe e profissional se encontram num mesmo tempo e espaço.”



“O contexto de trabalho precisa conhecer o papel da mulher em relação à sua maternagem. A mulher, que antes tinha funções bem definidas, assume novas tarefas, tendo um acréscimo significativo em suas responsabilidades. À medida que essas atribuições aumentaram, cresceu também a necessidade de valorizar a dedicação e o sacrifício feminino em prol dos filhos e da família.

“Quando a escolha é ser mãe e profissional, a instituição precisa considerar que a gravidez é um período de expectativas. Portanto, angústias, dores, medos, alegrias e frustrações desse período devem ser acolhidos e apoiados para que mães se sintam plenas e valorizadas.”

•

**Lídia Andrade Lourinho**  
Mãe do Humberto Lucca e da Luísa





***Depois que eu virei mãe, me tornei mais ágil, porque o meu tempo é precioso. Quando estou com ela, é precioso. Então, é fazer mais em menos tempo. Isso me agregou essa coisa de ser multitarefas. Antes de ser mãe, eu já era muito ativa, mas eu era dona do meu tempo.***

**Lídia Giselle**



“Eu já tive, muitas vezes, que abdicar de tempo com a minha filha. Os meus horários são, realmente, atípicos, porque eu trabalho com comunicação. Não é como uma pessoa que entra às 8h e sai às 17h. Às vezes, eu até entro mais tarde, mas ela vai cedinho, passa o dia na escola, e eu tenho que ficar para uma sessão solene. Mesmo quando eu estou em casa, eu não estou com ela, porque eu tenho que ficar no celular pra ver se alguma coisa foi postada corretamente; pesquisando, vendo se saiu notícia, depende muito do dia. Ao mesmo tempo, eu recebo, sim, muita compreensão. É de acordo com o que eu produzo, então, se eu produzo muito, eu tenho, em troca, essa compreensão, quando eu preciso.”

“O tempo que disponibilizo com ela, gostaria, sim, de ter mais. Mas, eu não tenho como parar minha vida, a profissão que eu escolhi foi essa. Então, eu tento dar tempo de qualidade pra ela, dentro das minhas limitações e das minhas capacidades. Brinco, converso, deito até ela adormecer. Se eu chegar mais tarde, ela me espera, o que é ruim, por um lado, porque acaba atrapalhando (a rotina), mas me obriga a estar com ela e saber como foi seu dia.”

“Se nosso filho está doente, não existe escolha pra quem é mãe. Mas, por exemplo, se é uma gripezinha e tenho com quem deixá-lo, minha mãe ou a moça que está lá em casa cuidam. Quando ela era bebê, eu não deixava. Optei por colocá-la numa creche integral.”

**Lídia Giselle de Souza Dutra**  
Mãe da Sofia





***Sempre fui muito dura, até porque sou mãe e pai. Meu marido é uma pessoa maravilhosa, mas nunca foi de cobrar muito. Só quem briga é a mãe, só quem dá carão é a mãe, só quem resolve tudo é a mãe. Lá em casa, o modelo é esse.***

**Lise Novais**



“Desde que eu comecei como diretora, em 1993, o maior problema era deixar (os filhos) em casa porque eles eram muito pequenos. Quando assumi os dois expedientes, o mais novo tinha cinco anos e a minha menina tinha sete. Eu tinha uma pessoa que me ajudava, mas, depois de uns três anos, eles ficaram sós em casa à tarde, um cuidando do outro.”

“Minha mãe e meu pai sempre ajudaram muito, eles tinham motorista, então, facilitou a minha vida. Eu era a única filha que morava mais próximo, aí facilitava mais para tudo. Meu marido levava-os para a escola pela manhã, porque ele era comerciante, saía cedo e só chegava 18h, 19h. Na hora do almoço, minha mãe trazia todos os netos, aí, já era um problema a menos. Quando precisava pra fazer inglês ou esporte, ela dava esse apoio. Às vezes, eu só ia buscar no final da tarde. É difícil. A gente sofre um pouco, mas aprende e é bom também pros filhos não ter a mãe a todo tempo do lado, pois aprendem a ser mais independentes.”

“Meu menino mais novo, o Vitor, sempre foi muito danado. Um dia, com raiva de uma briga que tiveram, pegou uma bolsa, botou roupa, água e um pacote de biscoito e disse que ia embora. Saiu e ficou na escada – moro no décimo primeiro andar – e a Lina ligou pra mim, avisando. Eu disse:

— Ligue para o porteiro, diga que tenha cuidado e não o deixe sair. Não pode ir é pra rua, mas, dentro do prédio, não vai acontecer nada.

Com meia hora, acabou o biscoito, ele voltou pra casa e ela ligou avisando.

O que mais me preocupava, principalmente porque eles ficavam sós em casa, era ter algum acidente doméstico. Nunca houve nada, a não ser essa história. O mais novo era mais danado, aqui e acolá, ele levava uma queda, mas nunca quebraram braço, nem perna. Eles eram obedientes.”

“Eles começaram a se cuidar. Às vezes, passavam o dia no colégio, fazendo as atividades. O caçula era mais danado, preguiçoso pra estudar, dava muito trabalho, mas eu tinha uma colega aqui que era professora, aí, ela ia lá pra casa e dava umas aulas particulares a ele. Hoje, os dois são formados, minha filha é arquiteta e mora aqui em Fortaleza, e meu filho é publicitário, mas trabalha como fotógrafo de Rally e está morando em Porto. Deu tudo certo.”

**Lise Maria Novais Eleutério Costa**  
Mãe da Lina e do Vitor



“

***O Departamento de Saúde tem dado muito apoio a nós. As minhas filhas, depois de 30 e tantos anos, ainda estão sendo ajudadas pela Alece.***

**Lorelai Barros**

”



“São tantas lembranças que a vontade é de chorar. Porque eu sou uma mãe separada, fiquei com elas (filhas) muito pequenas. Nessa parte da vida, foi muito difícil. Mas eu sempre tive muito acolhimento na Alece.”

“Quando eram crianças, estudavam aqui perto. Eu vinha, trabalhava, ia buscar e elas ficavam um pouco comigo até a hora de eu sair. Almoçavam dentro da cantina do Plenário. Tinha um rapaz, do ar-condicionado, o Francisco (choro), que guardava sempre o almoço delas. Ele tinha a geladeirinha e o fogãozinho para esquentar. São recordações de pessoas que já foram, que fizeram parte da minha vida, que me ajudaram, mesmo, na criação delas.”

“Até hoje, quando elas chegam, todo mundo fala:

— Parece que foi ontem que essas meninas estavam aqui nos corredores.

O Elzir é o tio, só pra deseducar. Porque ele fazia de tudo para elas.

— Mãe, eu vou lá pro tio Elzir.

E corriam para dentro do Plenário.

— Menina, pelo amor de Deus, desce daí dessa escada.

O Luciano, que é policial, dizia assim:

— Vou pegar essas meninas, vou amarrar e pendurar. Porque não se aquietam.

E não eram só as minhas, tinham outras que se juntavam e as mães diziam:

— Meu Deus do céu, senta essa menina aqui nessa cadeira.”

“Eu tenho mais convivência com as mães antigas, cujos filhos já são adultos. Muitos deles trabalham aqui.”

**Lorelai Irmala Itaema Souto Barros**

Mãe da Lorei e da Lorraine



“

*Na Alece, temos uma grande rede de apoio, tanto da saúde mental, como da saúde feminina, de prevenção.*

**Luíza Martins**

”

“No geral, no trabalho, a mãe é sempre muito culpada. E eu, particularmente, fui uma pessoa que trabalhei, estudei e criei criança, tudo ao mesmo tempo. A vida da mãe não é fácil. A gente sempre acha que tem que ficar mais tempo com eles e procura ter uma qualidade da presença, que acho ser muito importante. Mas, no geral, é sofrido.

Tive um problema com meu neto, de cinco anos, que tem dificuldade de concentração, é muito inquieto e hiperativo. Eu estava desesperada porque meu filho não tem condições financeiras e tive acesso a esse tratamento aqui na Casa. Fico até arrepiada de falar, porque era eu que estava bancando e quando eu soube que a Alece tinha esse suporte pra gente, não mais como mãe, mas já como avó, me senti extremamente agradecida.”

**Luíza de Marilac Martins e Silva Perdigão**  
Mãe da Marina, da Mirela, da Milena e avó do Mário



*Ser mãe é um desafio em qualquer lugar;  
a gente tem que girar vários pratos, ao  
mesmo tempo.*

**Margareth Banhos  
(Meg)**

“Mas, aqui, de certa forma, é bem mais nobre. Eu tenho esse olhar, porque eu trabalhei em outros lugares, e, como eu trabalho com comunicação, foi sempre virando noite para dar uma educação para os meninos, pra conciliar horários. E, muitas vezes, não eram objetivos especiais, era por grana mesmo, porque você tem que sustentar. Vindo pra cá e conseguindo conciliar o que amo fazer com os projetos da Casa, que considero nobres demais, importantíssimos para a sociedade, me sinto cumprindo meu papel. É tão legal, porque chego em casa com o dever cumprido e posso comentar com os meninos:

— Poxa, hoje eu fiz isso, para o projeto tal, que vai atingir tais e tais pessoas.

Isso me ajuda na educação deles, porque eles vão ver valores em mim.”



“Terceirizei muito a criação, principalmente da mais velha, porque a gente não dá conta de tudo e precisa trabalhar. Com o mais novo, já consigo dividir.

Quando eu fazia embalagens, era legal vê-los irem ao supermercado, comprar um biscoito. Ao irem numa livraria, que tinha um livro ilustrado por mim, enchem o peito com orgulho e isso é legal, porque você tem a admiração, principalmente, enquanto criança. Hoje, eles sabem que o que faço não destoa do que acredito. E volta essa admiração, no período mais delicado, que é a adolescência. Sinto que os três têm esse mesmo sentimento. Às vezes, eles vêm deixar alguma coisa aqui, sentam, conhecem todo mundo e se sentem importantes, porque estão participando de uma Casa Legislativa, de certa forma, através de mim. Então, isso é uma experiência bacana.”

“Com a minha primeira filha, eu trabalhava *fulltime*, numa empresa grande, no Eusébio. Cheguei em casa à noite, ela olhou pra babá, foi dar tchau e disse:

— Tchau, mãe.

Não é questão de ciúmes, mas parece que a realidade veio aqui.

— Gente, eu não estou participando da vida da minha filha, que eu quis tanto!”

**Margareth Andreia Viana Banhos (Meg)**  
Mãe da Júlia, do Pedro e do Lucca

“

*Sempre deixei meus filhos com pessoas que cuidavam bem deles, mas ficava, ao mesmo tempo, preocupada de acontecer alguma coisa e eu não estar pertinho.*

**Maria Aparecida**

”



“Quando meus filhos nasceram, eu já trabalhava na Alece. Foi muita felicidade, porém uma coisa que me marcou, no sentido negativo, foi o descobrimento da doença degenerativa deles, *Leucodistrofia Homopielinizante* tipo 7. Tive crise de ansiedade e outros tipos de doenças, mas, sempre, senti apoio aqui.”

“Eu venho com muita alegria trabalhar, gosto do que faço, fui capacitada, passei 26 anos como chefe de gabinete de vários deputados.”

“No momento, está sendo muito difícil por conta da perda recente de um deles em consequência da doença. Mas nós tivemos muito apoio da família, do meu marido, que é um guerreiro, e dos amigos da Alece.”

“A Casa já avançou muito. Existem leis para as mãezinhas que têm filhos especiais trabalharem só um expediente. Tem o Departamento de Saúde, que está funcionando muito bem. O apoio psicológico, não só para nós, que temos filhos especiais, mas para todos os funcionários que precisam.”

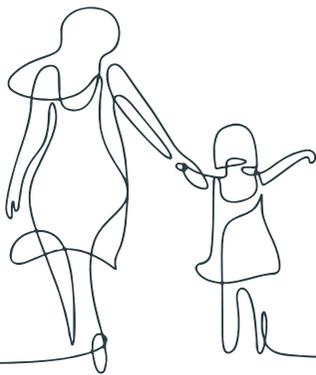
**Maria Aparecida de Souza Esmeraldo**  
Mãe do Lucas e do Davi





***É um amor  
imensurável.  
Quando você é avó,  
percebe o que fez de  
bom para o filho e  
o que você poderia  
melhorar, porque  
você já amadureceu.  
Sua visão é outra!***

***Maria da Conceição  
Guerra***



“Quando entrei na Alece, tinha 18, 19 anos. Tinha entrado na UFC, mas não concluí o curso. Mais na frente, eu transferei pra Unifor e foi quando eu comecei a fazer psicologia.”

“Minha filha nasceu, eu tinha 29 anos e, com um mês, fiz 30. Foi uma gravidez tranquila e eu trabalhei até o último mês, porque queria tirar todos os dias possíveis, juntando licença maternidade, férias e tudo, para estar com a minha filha. Quando retornei, já não amamentava, porque ela só aceitou a mama até quatro meses. Durante esse tempo, busquei fazer tudo para que ela não usasse outro leite a não ser o da mama. O apoio ao aleitamento é fundamental.”

“Eu trabalhava e fazia faculdade. Foi difícil, mas eu procurava dar conta do meu trabalho, na época, na Assessoria de Comunicação. O que marcou foi eu poder contar com meu gestor nos momentos difíceis. Ele compreendia minha ausência e eu conseguia repor.”

“É interessante porque a Marina é minha filha única. Só pude ter a Marina, não pude mais ter filhos.

E eu era muito, muito, muito presente na vida dela. E, quando a Marina casou, eu sempre falava em netos. Era um desejo muito grande de ser avó. Meu netinho nasceu, em 2020, no auge da pandemia, o *lockdown* foi em março e, em abril, meu netinho nasceu. E assim, de tudo, por pior que seja,

sempre existe algo bom, também. No meio de toda essa pandemia, quando todos estavam na incerteza e no medo do que poderia vir, nasceu esse neto, meu maior desejo. Decidimos eu e meu marido irmos morar com ela, porque não estávamos trabalhando, por conta da pandemia, e passei lá quase um ano. E então, ser avó é incrível, exatamente, porque você começa a reconhecer aquilo que você não acertou. Porque mãe erra tentando acertar, mas erra. Não é à toa que muitas fazem brincadeiras com Freud, porque ele diz que tudo é culpa da mãe. Tornou-se uma piada. Mas ser avó é tudo de muito maravilhoso. Faço meu papel de educar, também. Não sou avó que deseduca. Muito raro, mesmo. Eu sou aquela avó que concorda com minha filha quando ela diz:

— Mãe!...

Eu digo:

— Não, ela tá certa. Ela que é a mãe. Eu faço outros quereres. Eu faço os dengos de outra forma, sem precisar deseducar. Eu tenho essa visão e a Marina cobra muito:

— Mãe, oh, eu sei que a senhora é avó e tudo, mas vamos aqui, me ajude.

Eu ajudo, porque sabemos que é para o bem da criança. A mãe é que é a mãe. Eu já fui a mãe dela. E hoje eu sou avó. É bom pra curtir. Ave Maria, é um amor...”



**Maria da Conceição Guerra Martins**  
Mãe da Marina e avó do Vicente e da Maria Luíza



***Não tem como falar das dores da maternidade sem pensar nas mulheres que me antecederam. A minha mãe lutou muito, as minhas avós lutaram muito e sofreram várias espécies de violência para que eu pudesse estudar e ocupar um cargo como esse.***

***Maria de Lourdes***



“Hoje, qualquer mãe sente muito pelo fato de não está acompanhando o dia a dia dos filhos: tarefa, pegar na escola, todas essas coisas. Mas eu entendo que a minha jornada vem das minhas ancestrais e que estou continuando essa luta, não só por direitos, mas por um futuro melhor.”

“Trabalhar no Parlamento, com direitos humanos, sempre foi um ideal. Encaro esse trabalho como uma missão de melhorar a vida das pessoas, de lutar pela efetivação dos direitos, pela educação popular, pela emancipação. É muito gratificante, mesmo com todas as ausências, tendo que sair correndo quando a menina adoce. Mas a maternidade ainda não é 100% aceita nos órgãos, as pessoas não têm muita sensibilidade para questões específicas: horários e a própria gestação, que é um momento muito difícil. A gente vai lutando.”

“Com relação à Leci, eu sou muito grata ao serviço de saúde. Ela é acompanhada pelo setor de psicologia da Alece e é importante esse suporte, não só para os servidores como para a família, principalmente, quando a gente lida com criança. Com relação ao Tiê, o grande desafio é a gestação junto ao trabalho intenso do Frei Tito. Estamos sempre viajando, acompanhando despejos, violação de direitos humanos, no sistema prisional, na cidade, na comunidade quilombola... Uma gravidez tardia, como a minha, cheia de riscos, fica um pouquinho mais delicada.”

**Maria de Lourdes Vieira Ferreira**  
Mãe da Leci e gestando o Tiê





***Trabalhar é um propósito. A gente se doa três expedientes, se revezando entre dona de casa, profissional, estudante.***

***Maria Elenice***



“Ser mãe e ser profissional, atuar na labuta diária, eu vivencio desde os 19 anos. Comecei a trabalhar com 18 anos na área pública. Hoje, estou com 50. Sempre trabalhei dois ou três expedientes.”

“Divorciei-me, quando meu filho tinha seis anos. Foi um desafio criá-lo só, sair do interior, me mudar para Fortaleza.”

“Ele vinha do colégio, passava aqui na Alece e nós íamos almoçar. Depois, ele ia para a aula particular ou, então, passava o dia no colégio. Ele vinha de fardinha e nós íamos juntos pra casa. Nós vivenciamos muitos momentos bons, priorizando a qualidade de vida em relação ao tempo. Quando eu estou com ele, eu estou com ele. Quando eu saio do trabalho, o trabalho fica e eu vou viver a vida familiar. Somos muito companheiros.”

“Com 34 anos, foi quando eu retomei os estudos. Fiz faculdade, praticamente, quando meu filho também estava entrando na faculdade. Foi quando eu consegui fazer. Meu filho estudava pela manhã, eu estudava à noite, mas estudávamos juntos. Ao mesmo tempo, mãe e colega. Eu vivenciei isso, com muito orgulho e ele com todo entendimento e compreensão de que aquele momento era o meu momento. De lá pra cá, fiz duas especializações, faço curso, procuro não mais parar.”

“Final de semana, a gente tinha grupos de estudo, lá em casa. Ele tinha os dele, eu tinha os meus e isso era em interface com o trabalho. Era sempre lá em casa, porque eu tinha que trabalhar e, no final de semana, estar com ele. A sala de aula é algo inovador e nós vivenciamos tudo isso juntos.”

“Ser mãe, ser profissional, lidar com pessoas, estar no dia a dia, se capacitando, entrando no mercado de trabalho, é uma luta, mas, também, é uma conquista que a gente se dá o direito.”

“Nós, mulheres, precisamos nos igualar aos homens em termos salariais, em termos de direitos, de deveres, mas não substituímos nem, tampouco, alcançamos o lugar que o homem tem na sociedade. A mulher passa por tantas realidades de violência, hoje, Brasil afora. A mulher tem que se manter, se proteger, zelar por si e pelos seus. Além de se enxergar, também, como profissional, mãe e tudo o que quer ser. Fazer um esforço a mais, porém é gratificante quando tem, principalmente, o reconhecimento.”

“Às vezes, a gente se culpa por trabalhar fora e ser mãe. Mas, muitas vezes, a gente inspira nossos filhos. Eu me vejo como uma mulher que venceu, ao lado do filho.”

**Maria Elenice Ferreira Lima**  
Mãe do Marcelo Wagner



“

*Coloco meus filhos em primeiro lugar, mas isso não quer dizer que deixo meu trabalho de lado.*

**Maria Evanilda**

”



“Ser mãe é um desafio diário. Ser mãe de um e trabalhar, você consegue levar. Quando você é mãe de dois, já vai achando que está pesando. E, ao ser mãe de três, você diz: ‘Senhor, me ajuda que agora é contigo.’”

“Ter três filhos e se virar sozinha, você tem que ter uma estrutura, todo um amparo.”

“Eu passei 15 dias com minha filha internada, ano passado. Ela teve um problema respiratório. Tive que ficar com ela direto. E as pessoas aqui ligando:

— Como é que ela está?

— Tudo bem?

Como profissional, eles estavam me respeitando. Estavam me amparando, como amigos. E me entendendo, também, como mãe.”

**Maria Evanilda Lima**

Mãe da Nicole Sofia, do Nicolas Fábio e da Nina Mariana

“

***Mãe entende mãe, se sensibiliza. É impressionante. Aonde você vai, quando você fala, as mães se sensibilizam.***

***Mayara Rios e Natércia Rios***

”



“Ser mãe é uma bênção, principalmente, na fase que estou. Minhas filhas já estão criadas, encaminhadas nas suas profissões. Agora, são só as delícias, as dores já passaram. Então, vou curtir minhas filhas, as amigas que elas são, e meus netos. Estou aqui pra ser feliz.”

*(Natércia Marina Rios B. Bruno)*

“Ser mãe, nesse comezinho, é muita responsabilidade, investimento e cuidado. É uma delícia, porque é muito amor e eu, também, trabalho com o que amo: a psicologia. Então, tem esse aspecto maravilhoso. Mas a volta é desafiadora. Olhar pra si, no meio de tanta dedicação pra um recém-nascido, é difícil. Esse seria um lado, entre aspas, ruim. Porque eu passo o dia cuidando de um ser e eu tenho, também, que cuidar de outras pessoas, dentro do meu trabalho. E aí:

– Qual o momento que sobra pra mim?  
Esse seria o aspecto mais árduo.”

*(Mayara Rios B. Bruno)*

“Meu marido foi político a vida inteira. Lembro bem que eu trabalhava, as meninas iam pro colégio, almoçávamos no comitê e eu ensinava a tarefa delas lá. Iam pra dança ou voleibol e, depois, vínhamos pra casa. Essa época foi a mais desafiadora: eu trabalhava, ajudava meu marido e tinha que ser mãe.”

*(Natércia Marina Rios B. Bruno)*

“Uma coisa que tem me ajudado muito é a rede de apoio. Poder contar com meu marido, a secretária de casa, minha mãe ou minha irmã, para trabalhar e olhar um pouco pra mim. Tem sido essencial essa rede.”

*(Mayara Rios B. Bruno)*

“Sou psicóloga organizacional e trabalho no Departamento de Gestão de Pessoas. Desde que a Lis, que é a minha netinha, nasceu, sempre que eu preciso (ausentar-me), nunca encontrei dificuldade por parte da minha diretora. Ela é mulher, é mãe. Claro, isso é uma relação de mão dupla. O servidor tem que ser extremamente responsável e dar o retorno que a Casa merece.”

*(Natércia Marina Rios B. Bruno)*

“Mãe entende mãe, se sensibiliza. É impressionante. Aonde você vai, quando você fala, as mães se sensibilizam.”

*(Mayara Rios B. Bruno)*

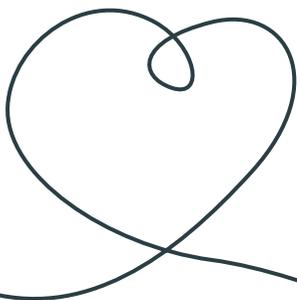
“Minha coordenadora é maravilhosa, super me entende, me acolhe, me ajuda. Quando eu estava grávida, teve um pico de Covid e ela:

— Mayara, trabalhe de casa, atenda *on-line*.

Eu acho que a Assembleia tem um cuidado muito grande com o servidor e isso tem me ajudado muito nesse momento. Também conto com a minha mãe em outros horários. Qualquer coisa, ligo e vai dando tudo certo.”

**Natércia Marina Rios Bezerra Bruno**  
Mãe da Marina, da Mayara e avó da Lis e do Iago

**Mayara Rios Bezerra Bruno**  
Mãe da Lis



“

*Ver a mãe  
envolvida na  
questão política,  
nas discussões e  
perceber o real  
direito da mulher  
de ter o seu  
espaço de fala.*

**Maria Cristina**

”



“A dor de toda mãe é deixar os filhos em casa, naqueles momentos de chuva grande em que queríamos correr para o meio da rua e tomar um banho, ou na hora que caem, tem um dodozinho, queríamos beijar, porque só beijo de mãe passa. As preocupações, por exemplo, de não poder ir à reunião da escola, que são as de toda mãe.”

*(Maria Cristina Rêgo)*

“A dor de qualquer mulher que trabalha é deixar o filho doente em casa por ter uma reunião, ou, como já aconteceu, de estar viajando por determinado projeto e a data cair, justamente, no Dia das Mães da escola. Eu estava em Viçosa do Ceará, em um dos maiores eventos do ‘Projeto Ceará sem Drogas’. Tive que pedir o apoio da minha mãe. Foram quatro dias de viagem e a festa era na última noite, então, foi difícil. Chorei muito por ter que estar lá, mas, ao mesmo tempo, foi um evento de sucesso. E, embora o amor materno seja bem maior do que a relação com o trabalho, existe um comprometimento, que é o que, há 14 anos, eu venho fazendo nessa Casa. Profissionalmente, foi maravilhoso estar ali. Muitas vezes, temos que passar por isso, infelizmente, deixar de participar de alguns momentos dos filhos por uma dedicação ao trabalho.”

*(Lygia Carolina Rêgo)*

“Procuramos ajustar os horários de forma que, quando uma necessite da outra, possa ser atendida. Eu sempre botei meu horário de trabalho o inverso do horário da minha filha, exatamente para ficar como rede de apoio. Então, isso é negociável e tranquilo.”

*(Maria Cristina Rêgo)*



***Jamais eu  
nasceria pra  
ser só mãe  
ou somente  
profissional,  
as duas coisas  
têm que andar  
juntas na  
minha vida.***

**Lígia Carolina**



“Sempre busco conciliar os horários:

— Ah, vou entrar em reunião, às 11h, não dá pra pegar. Mãe, dá pra ir buscar? (O de quatro anos, que sai mais cedo da escola).”

*(Lygia Carolina Rêgo)*

“Estabeleci um dia na semana como o dia dos netos. Eu tenho ajuda de uma pessoa em casa, também, pra que os netos possam passar um dia da semana na casa da vó.”

*(Maria Cristina Rêgo)*

“Minha mãe, que já está na melhor idade, também precisa de companhia para ir ao médico e de uma atenção, em determinados momentos, porque da mesma forma que ela é rede de apoio pra mim, eu sou pra ela, nessa fase da vida.”

*(Lygia Carolina Rêgo)*

“Lembro muito de uns anos passados, eu vinha trazendo a neta pela mão, começando o mês de julho e, quando a gente entra nas comissões, vê aquele bocado de criança que quer dizer que as férias chegaram e as mães e/ou avós já começam a andar com seus pequenos, trazer pro trabalho, e isso é bom, porque eles veem a dedicação ao trabalho e fazem perguntas tipo:

— O que é um deputado? O que um deputado faz? Por que eles estão aqui?

Então, tudo isso é o início de uma educação política pra eles.”

*(Maria Cristina Rêgo)*

“Quando comecei a trabalhar nessa Casa Legislativa, minha filha tinha um ano de idade, hoje, com 15 anos, mantém uma memória afetiva enorme da Alece. Ela adora, pede pra vir, pra ver as pessoas. Pra ela, é um local acolhedor, tanto da convivência como do espaço físico. Ela aprendeu a gostar desse ambiente. Nós temos o hábito de trocar ideia em relação às pesquisas, que é a área em que trabalho. Nossa relação é de cumplicidade, pois conversamos sobre tudo.”

*(Lygia Carolina Rêgo)*

**Maria Cristina Machado Rêgo**

Mãe da Lygia Carolina e do Raul Micael

**Lygia Carolina Rêgo Molfese Andrade**

Mãe da Luanda Mariê e do Juan Gael



“

*Deu para eu conciliar, mas foi difícil. Tive a ajuda da minha mãe e do meu pai para ficar com eles e eu levar o sustento para casa.*

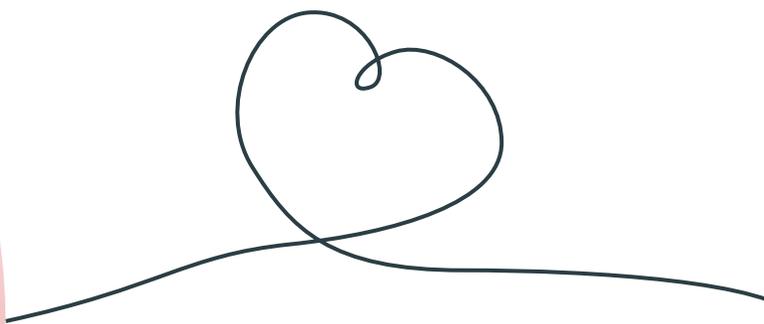
**Milene Fonseca**

”

“A dor, na realidade, é o fato de ter que se afastar com pouco tempo. Hoje, com seis meses, na minha época, eram quatro. Ter que retornar ao trabalho, porque você tem que assumir os compromissos novamente, e deixar um filho em casa. Na minha época, nem ia pra escola. Hoje, recebem as crianças com meses. E fica aquela dor de deixar o filho tão cedo. Quando você tem uma mãe, um apoio familiar é mais fácil. Quando não tem, deixa com a babá, que você não sabe como vai educar seu filho.”

“Foi muito bom ser mãe trabalhando aqui, por conta das inúmeras amizades que a gente faz, do apoio que a gente tem. Eu não sei se eu teria aquele apoio, em outro local.”

**Milene Fonseca Mota**  
Mãe da Elem e do Rafael



“

*A mãe, em sua maioria, ocupa o lugar da falta; ou seja: falta de sono, falta de tempo para si, falta de autocuidado, falta de algo.*

**Rejane Sales**

”

“Existe a pressão de sermos mãe, numa totalidade absurda, pelo desejo de proteger e que acaba por nos trazer uma carga mental que, muitas vezes, pode provocar ansiedade, angústia e, até mesmo, raiva. Ao mesmo tempo, sentimos uma completude imensa, uma satisfação que pulsa e nos motiva à vida. Há um sentido, uma vontade de ser e estar nesse lugar.”

**Rejane Sales Oliveira**  
Mãe do Raian





***A gente tem  
que se ajudar  
para o mundo  
ficar melhor.***

***Sávia Magalhães***



“Sempre tive o desejo de ser mãe, mas nunca externei. Quando tinha 40 anos, fiz uma inseminação de um namorado, tive uma gravidez tubária e perdi. Foi muito difícil. As pessoas passaram a saber que eu tinha esse desejo. Sempre recebi proposta de gente dizendo:

— Sávia, adota um filho. Você escolhe...

— A gente escolhe carro, apartamento, roupa... Filho vem de qualquer jeito e a gente ama.

Meu filho não foi uma escolha, mas é o grande amor da minha vida.”

“Um dia, me interfonaram dizendo que tinha uma pessoa da Alece querendo falar comigo e mandei subir. Ainda estava me recuperando da cirurgia. Quando a pessoa abriu o elevador, disse:

— Aqui, o seu presente de Natal.

Ele tinha um dia e meio, era desnutrido, feinho, com a roupinha mofada. Quase morri. Quase o derrubei no chão, de tanta emoção. Foi um negócio de olhar. Sou católica, mas acho que o João Pedro já foi meu filho, porque ele veio no meu mesmo signo, no mesmo tipo de sangue. Desde os oito anos, não sei o que é chamá-lo pra ir pra escola. Está com 19 anos e faz engenharia mecânica. É uma pessoa linda, maravilhosa.”

“Quando ele estava com sete anos, meu irmão morreu. Eu era madrinha dos três filhos dele e ele padrinho do meu. Ele e a mulher sofreram um acidente e morreram. Ficaram essas crianças: a Marcela, que tem a idade do João Pedro; o Djalma, com 11; e o Vitor, com 14. A partir do momento em que tomei conhecimento de que os corpos dos pais estavam no IML, mandei a pessoa que trabalhava na casa deles arrumar uma mochila para cada e trouxe-os para a minha casa. O João Pedro abraçou-os como irmãos. Nós tivemos que dividir tudo, inclusive o amor.”

“Com 12 anos, o João Pedro me disse:

— Mãe, a minha mãe não gostava de mim, né?

— Por que, meu filho?

— Porque ela me deu pra ti.

— Meu filho, ela te amava tanto que abriu mão de você. Na hora que você quiser procurar sua mãe, conte comigo!

Ele me deu um abraço e disse:

— Eu não, depois ela quer tomar eu de tu.”

“Depois, em Canindé, no enterro do meu pai, conheci uma menina de nove anos que era a minha cara quando eu era pequena. Uma pessoa que esse meu irmão não tinha assumido. Aí, ela disse:

— Eu queria morar com a senhora.

Ela pediu à mãe, que deixou. Trouxe a Paula, botei numa escola, passaram a ser cinco filhos. Vendi apartamento, troquei de carro, mudei minha vida. Quando Paulinha fez dois anos de jornalismo, disse:

- Mãe, eu fui assistir uma palestra de enfermagem e me apaixonei.
- Pois é, a gente tem que fazer as coisas com paixão. Mude.

Então, ela formou-se em enfermagem. Pediu pra estudar um ano na França, voltou com namorado que a pediu em casamento para mim. Casou e mora na França.”

“O Vitor, que é meu filho mais velho, é casado, já me deu um neto. Na minha casa, é uns ajudando os outros, nunca teve uma briga deles. Sou uma mãe de conversar um a um, não faço reunião, dou exemplo de vida, da minha vida. Nunca precisei dar um beliscão ou proibir alguma coisa. Sigo, sempre, na conversa, dentro de uma responsabilidade. Eles são todos bonitinhos, disciplinados. Até o mais velho, que já é casado, que eu fiquei organizando o patrimônio, vem me pedir opinião. Eu digo:

- Meu filho, é de vocês, não é meu. Resolvam.
- Não, mas eu quero ouvir a senhora.

Então, nós temos uma vida muito boa. Eles são melhores do que eu e eu sou muito feliz por essa maternidade. E, agora, avó... É um amor sem limite.”

“Eu gosto de cozinhar pra eles no fim de semana. Quando eu chego mais tarde, até levar uma garrafa d’água pra cada e deixar do ladinho da cama é uma forma de carinho. Entrar no quarto à noite e saber que tá tudo bem. Ontem, um foi pegar o controle lá no quarto, rapidamente, e eu já me preocupei:

— Meu filho, aconteceu alguma coisa?”

“Na minha casa, não tem um palavrão, porque não digo. Tem respeito, inclusive, dos empregados. Eu tenho a sorte de ter uma empregada há 30 anos comigo e outra há 15, que me ajudam e a Alece é uma mãe. Tive presidentes maravilhosos, que me escutam e, sempre que precisei, estavam do meu lado.”

**Sávia Magalhães**

Mãe do João Pedro, da Marcela, do Djalma, da Paulinha e do Vitor





*A maternidade foi o divisor de águas na minha vida e deu aquele freio de arrumação, porque eu vivia pra trabalhar. A moeda tem outro lado, que é muito prazeroso e gratificante.*

**Silvia Helena**



“Comecei a trabalhar muito cedo, aos 18 anos, meu foco de vida era ter uma profissão. Enveredei para a economia do setor público, para, depois que eu tivesse a minha autonomia intelectual, emocional e material, pensar em casar e ter filho. Quando casei, engravidei e fui mãe, eu já tinha 18 anos de vida profissional e já trabalhava nesta Casa Legislativa.

Dores existem, são inegáveis, porque foi a primeira vez, na minha vida, que eu tive que colocar a profissão em segundo plano. E isso causa aquele impacto. Mas, eu diria que, se, talvez, eu estivesse no Poder Executivo, onde há uma pressão e um dinamismo maiores, seria mais difícil. Aqui, tem uma dinâmica grande, mas muito flexível. Eu consegui conciliar muito melhor esse meu momento e, rapidamente, voltei.

Sou muito grata e tenho uma filha que, talvez, eu tenha conseguido passar muito dessa visão de mundo, principalmente, pra mulher: da autoestima, do amor-próprio, do autoconhecimento e da autoconfiança. É muito bom, porque nós, mulheres, ainda vivemos algumas situações de dores que, com a maternidade, ficam mais sensíveis. Nós ainda vivemos em uma sociedade que é machista, que quer escolher os lugares onde a mulher deve estar, e a mulher deve estar onde ela quiser.

Acho que tem duas coisas favoráveis: a visão que eu consegui passar, pelo meu exemplo – porque a palavra educa, mas o exemplo arrasta –, e a evolução da própria sociedade que, de todo modo, nós (mulheres) ocupamos um espaço. Conseguimos, mesmo a duríssimas penas, mas conseguimos. Eu consegui tudo, no plano profissional. Tudo o que almejei, que era ter uma boa carreira, uma boa profissão e um lugar profissional bom, gostoso, eu tenho. Tenho metade da minha vida profissional no

Executivo e metade aqui. Mas tenho, também, um amor pelo Parlamento, talvez, pelo meu pai ter sido servidor dessa Casa durante mais de 30 anos.

Meu pai não era um homem conservador, nem machista, nem tão preconceituoso, mas ele dizia que a Alece não era lugar pra mulher. Isso eu tinha 10 anos.

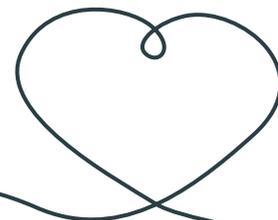
— Por que não é lugar pra mulher? Pois eu vou pra lá!

Encontrei, aqui, um espaço pra mulher, pra homem, para o nome que a gente quiser dar. As mulheres dessa Casa Legislativa conseguem conciliar muito bem essa questão do trabalho com a maternidade.

Tem uma situação bem própria e bem no começo do meu maternar, que, talvez, tenha sido mais doído, que foi quando eu precisei voltar. Você está aqui, naquele ritmo frenético, aí vem e para e passa aquele período, que é muito curtinho, dessa licença gestante. Porque a maternidade é um negócio muito revolucionário. Eu dizia pra minha médica obstetra e pra minha psicóloga:

— Rapaz, esse negócio de ser mãe, era pra gente passar nove meses, da hora que descobriu que tá grávida, ou até antes, fazendo terapia só para aquilo. Porque é uma mudança grande. E, quando você vai ajustando aquela mudança, chega a hora de você separar. Outro parto. Pra mim, o cordão umbilical começa a ser cortado aí. Porque aquele que corta quando nasce, não corta. Quando a gente volta ao trabalho, fica uma dor imensa, porque você fica naquele conflito, que você acha que está abandonando, mas, ao mesmo tempo, você ama o que faz. Eu diria que a coisa mais marcante foi voltar e conseguir. Porque você tem que voltar, voltando! Minha mãe é que dizia que ‘ser mãe é desdobrar o coração em mil pedaços’.

— É em milhões, mamãe!



Você vem e seu coração fica lá. Você não vem completa. Você tem que retornar e deixa aquele pedaço de você ali. Leva um tempo e exige da gente muita resiliência, muito equilíbrio, muito apoio do parceiro pra você conciliar aquilo. Sem falar no contexto das dificuldades do ponto de vista de logísticas. Aí, você tem que quebrar um bocado de convenção e deixar na sogra e deixar na mãe. Depois, passa e você vai colher os louros. Hoje, brinco com ela e digo:

— Valentina cuida em estudar, cuida em trabalhar e cuida em me sustentar! Porque, daqui uns dias, eu estou velha e o jogo vai inverter.

Penso que, hoje, essa conciliação tem que fazer parte da política da organização. Porque as mulheres estão ocupando cada vez mais espaço. A Alece é um caso bem concreto em relação a isso, porque ela tem um corpo de mulheres muito presente. Se você olhar a gestão da Alece em cargos estratégicos, táticos e organizacionais, e nos demais, tem uma presença feminina muito grande. No próprio Parlamento, ampliou-se bastante, agora.”



**Silvia Helena Correia Vidal**  
Mãe da Valentina

“

***Os homens, também, deviam ter uma licença paternidade, igualmente, de seis meses, para dar uma equilibrada nas funções.***

**Tarciana Campos**



“Estou no período, ainda, de adaptação (na gestão). O primeiro mês foi bem drástico. Agora, eu já estou um pouco mais adaptada, mas, ainda, sentindo algumas questões nessa conciliação entre ser mãe e ser gestora. Já ouvi até a frase mais radical de que não dá pra conciliar, porque, em algum momento, um lado vai pesar mais que o outro. Mas a gente vai tentando.”

“A questão da licença maternidade é importantíssima! Porque, realmente, a gente só sabe o que é ter um recém-nascido quando tem. Aquela rotina de ele acordar de 2h em 2h, de 3h em 3h, de você não ter uma noite de sono completa. Eu ficava imaginando:

– Nossa! Isso sem uma licença maternidade é impossível.

Vi a importância de uma licença paternidade. Existem alguns projetos em que deputadas e deputados fazem essa sugestão. Não fica esse negócio de:

– Ah! O cuidado com o filho é só da mulher.”

“Na gestão, o trabalho passou a ser de 8h, a gente passa até 9 horas longe de casa e esse período foi sentido pelo meu filho com três anos. O marido fica dando apoio o quanto ele pode, porque também trabalha fora. Então, a gente teve que recorrer a uma rede de apoio, de

um funcionário auxiliar a gente de casa. É criança chorando, é criança sentindo saudade, é a gente sentindo saudade. O desafio é equilibrar esses pratinhos.”

“Há um apoio da Alece em permitir pra nós, mães, uma rotina de trabalho um pouco mais maleável. Aqui, na Rádio, graças a uma equipe muito boa que me dá esse suporte, quando é necessário (tá gripado, precisa ir ao médico), eu chego um pouquinho mais tarde ou venho só um período. Eu vejo, na Casa, que entre os próprios gestores há essa compreensão. Isso faz com que eu, também, como gestora, consiga ter um olhar mais sensível.”

**Tarciana de Queiroz Mendes Campos**

Mãe do Vinicius



“

***A Alece foi meu  
útero materno  
[...]***

**Valéria Soares**

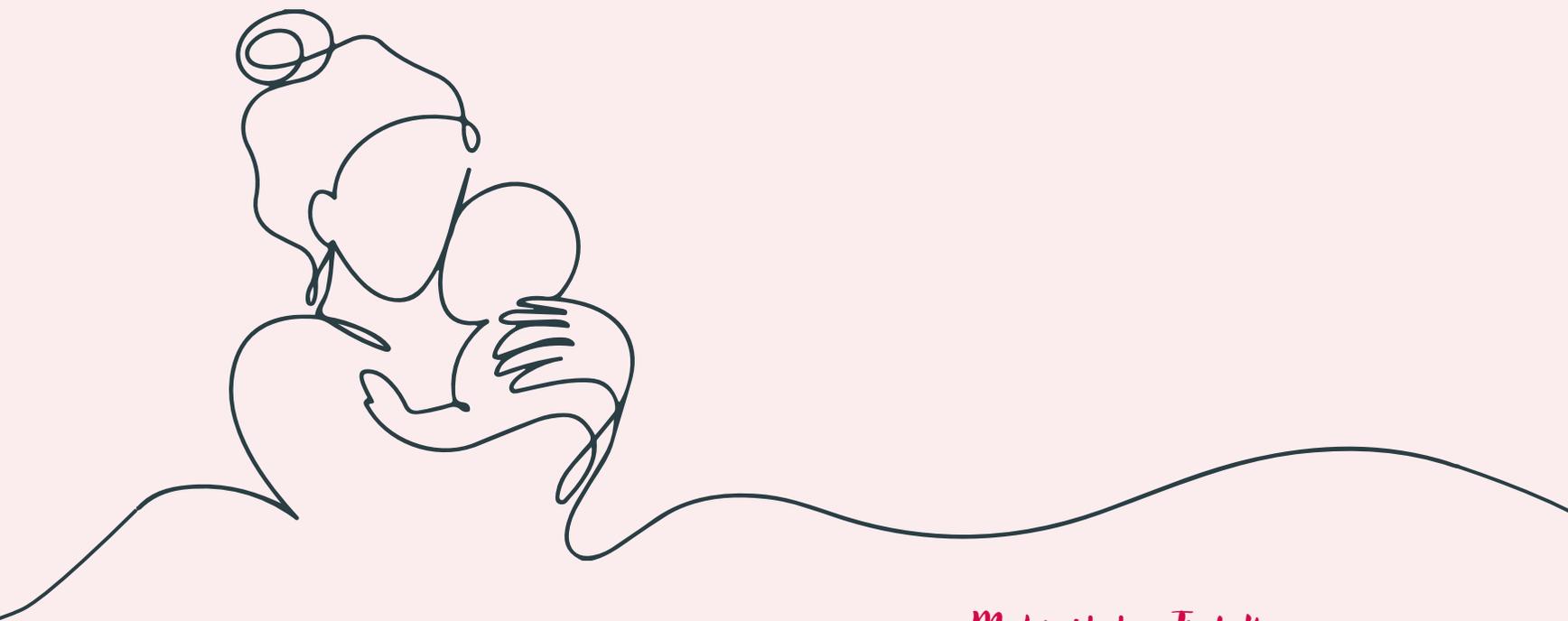
”



“Cheguei nessa casa com 18 anos (choro). Então, me emociona porque fui mãe aqui dentro. Eu me separei muito nova e foi através do meu trabalho que eu tive como prover as minhas filhas. A Alece foi minha mãe, meu marido, companheiro, amigo. Aqui, fiz minha vida e pude fazer minhas filhas estudarem. Tenho uma médica, uma advogada e uma estilista que está fazendo vestibular pra medicina. Eu me realizei como mulher e como profissional aqui dentro.

A Samanta tinha 8 meses, ainda mamava, e eu estava numa solenidade (trabalhava no cerimonial). O pai veio me buscar porque ela estava chorando muito, não aceitava mamadeira, não aceitava nada e tive que sair daqui correndo pra dar de mamar, às 21h. Ela tinha passado o dia sem comer, porque eu tinha passado o dia trabalhando.”

**Valéria Soares Cavalcante Colares**  
Mãe da Samanta, da Tábata e da Talita



*Maternidade e Trabalho*  
no Parlamento Cearense

# Sobre o futuro...

*Uma reunião de sugestões,  
ainda embrionárias: sonhos,  
necessidades e urgências, em um  
grito, feminino e coletivo, por  
melhorias. Não há como parar  
essa onda de conscientização  
sobre os direitos da maternidade.  
O que está por vir começa agora.*





“Sinto falta de uma creche. Muitas associações de servidores têm. Não consigo colocar em palavras o quanto seria bom. Como profissional, eu traria minha filha e, num momento de emergência, estaria próxima. Ela viria para o mesmo lugar que venho. Porque saio de casa, deixo-a num lugar e venho pra cá. Se acontecer alguma coisa, daqui que eu chegue lá... Tenho que acionar um Uber e esperar. O coração fica apertado. O tempo que se gasta com locomoção é muito importante.”

**Maria Evanilda Lima**

“Em muitos locais têm as creches, por exemplo, no Tribunal de Justiça. Existe ainda, para as mães advogadas que estão amamentando, uma tolerância de atraso na audiência. Não sei o que daria pra aproveitar aqui, mas a creche é bem interessante.”

**Anislay Romero da Frota Levy**

“Uma creche a um preço razoável para as servidoras, pois para as mães é sacrificante ter que pedir pra sair mais cedo (do trabalho). Isso diminuiria as ausências necessárias. E um funcionário, só por saber que o filho está perto, produz muito mais. É bom para ambos os lados.”

**Lídia Giselle de Souza Dutra**

“Uma creche ou um contraturno, tendo em vista que, às vezes, a servidora deixa de trabalhar porque não tem onde deixar o(a) filho(a) ou, então, tem que sair daqui correndo.”

**Karla Sampaio**



## SOBRE O FUTURO

“Também permitirá uma maior proximidade do servidor ao filho. Hoje, a gente está sujeita a deixá-lo com uma empregada, um desconhecido.”

**Patrícia Azevedo**

“Uma creche ou uma complementação à escola, para que as mães possam ter esse segundo turno mais tranquilo e dedicar-se ao trabalho e para que as crianças possam estar mais próximas e em um ambiente de qualidade.”

**Lygia Carolina Rego Molfese Andrade**

“Muitas mulheres não têm rede de apoio e não podem deixar o mercado de trabalho. É muito oneroso pagar uma escola, é quase o valor que você ganha. Seria um grande ganho para as mães e para toda a Alece.”

**Lídia Giselle de Souza Dutra**

“Minha sugestão, talvez, demande muitos recursos e não sei qual seria a viabilidade, mas o principal desafio é chegar ao trabalho, o trânsito nos faz gastar muito tempo. Então, se houvesse um espaço onde essas mães pudessem deixar a criança, em segurança, pertinho, tipo um berçário, uma creche e a Casa pudesse disponibilizar essa estrutura, seria muito bem-vindo.”

**Tarciana de Queiroz Mendes Campos**

## SOBRE O FUTURO

“Não dá para educar sem uma rede de apoio. Que a nossa Casa Legislativa considere sua força e possibilidade de ser um espaço de acolhimento de mães solas, como eu fui. Com um olhar e política mais apurado às demandas que vêm dessas mulheres. Uma creche da própria Alece para que possam ter os filhos mais próximos. Escolas conveniadas próximas à Alece, com preços, verdadeiramente, acessíveis.”

**Andréa Fernandes Melo Vieira**

“Creche para as mães que têm crianças pequenas que dependem muito da gente. Colocar a mãe em contato com o filho. Como isso faz diferença! As mulheres se tornam mais produtivas. Se ela está amamentando, pode dar uma fugidinha, ir lá e voltar. As pesquisas denotam isso. O mundo caminha para isso.”

**Céu Oliveira**

“A Casa faz parte da gente e não conseguimos dissociar isso. Aqui, tem avó também e, às vezes, são elas que ficam com os netos. E quando a avó trabalha? Então, um projeto de creche é o básico. Se tivesse, na minha época, algum lugar onde eu pudesse trabalhar e meu filho tivesse perto, numa creche, minha produtividade ia lá pra cima.”

**Margareth Andreia Viana Banhos (Meg)**

“Na Alece falta uma creche, porque é constituída muito mais por mulheres do que por homens e, assim, acolherá muito mais as mães que estarão, tranquilamente, trabalhando.”

**Valéria Soares Cavalcante Colares**

## SOBRE O FUTURO

“Uma creche para quem é mãe de primeira viagem ou mãe solo e está impossibilitada de retornar ao trabalho, depois dos seis meses. Ir lá, dar de mamar, criar esse vínculo. Não é para ser eterno, não é uma escola. É um lugar onde você pode deixar o seu filho, naquele momento. Porque a gente até volta a trabalhar, mas volta com muito medo.”

**Flávia Vasconcelos Diógenes**

“Uma creche nesse período inicial, até uns cinco anos. Nesse momento pequeninho em que a mãe, querendo ou não, tem que retornar ao trabalho e a criança precisa de alguém. Se tivesse uma creche aqui próximo que ela pudesse a um dado momento ver a criança, se a criança adoecesse, ela pudesse chegar mais rápido. Eu sinto falta de um projeto nessa área, de ter esse momento mãe e filho mais próximo.”

**Francisca de Fátima do Nascimento Silva de Jesus**

“Eu tenho um sonho que há muito tempo eu falo, mas, infelizmente, ninguém me ouviu: uma creche. Eu já pedi a vários deputados. Uma Casa que é, essencialmente, feminina, como a Alece, não ter uma creche? Eu acho que está na hora.”

**Natércia Marina Rios Bezerra Bruno**

“No setor onde eu trabalho, que é o Departamento de Saúde, 99% (das servidoras) são mães. — E esses filhos estão onde? Então, eu acho que essa ideia da creche vai sair.”

**Mayara Rios Bezerra Bruno**

## SOBRE O FUTURO

“Um espaço de acolhimento. Seria muito interessante ter uma brinquedoteca, uma sala com uma monitora que observasse as crianças.”

**Maria de Lourdes Vieira Ferreira**

“Um local onde as mães pudessem deixar seus filhos, para poder vir e ficarem seguras de que eles estão ali e não estão no meio da rua, nem com babá.”

**Lorelai Irmala Itaema Souto Barros**

“A gente tem que partir com organização pra dar esse suporte de acolhida. Claro que com critérios, requisitos, parâmetros, porque não pode virar um assistencialismo. Seria um desafio muito interessante pensar nessa estrutura para dar suporte às mães que precisam voltar, até antes do tempo, a depender das funções que ocupam e dar um apoio logístico pra acolher o bebê.”

**Silvia Helena Correia Vidal**

“Para o caso das mães que têm crianças autistas ou com necessidades especiais e precisam dar um apoio maior, a diminuição de carga de trabalho é extremamente importante. E que venha a acontecer!”

**Milene Fonseca Mota**

“Sobre os locais de amamentação: o que as mulheres fazem? Vão para o banheiro. Isso não é só na Alece, mas em todos os lugares. A amamentação precisa de muita higiene.”

**Tarciana de Queiroz Mendes Campos**

## SOBRE O FUTURO

“Uma ampliação seria interessante, porque a gente ainda esbarra na questão de poucas vagas. Por exemplo, pediatra, eu nunca consegui a consulta, é muito emperrado, mas no setor de psicologia, eu já consegui. Se a Alece pudesse dar uma reforçada nesses setores, a gente teria um apoio melhor. – Por que eu acho bom? Porque tenho um contato direto com a psicóloga dela. Ela conhece minha rotina de trabalho, entende o que eu faço, vem para sessão, fica me aguardando para ir pra casa.”

**Maria de Lourdes Vieira Ferreira**

“Sugiro um tipo de projeto pra ajudar as famílias de crianças com doenças raras, como isenção de impostos em remédios e fraldas. No meu caso, tem meu marido e eu trabalhando e dá pra levar. Mas, eu fico pensando nas pessoas que não tem condições, como é que eles passam. Nesse sentido, ainda falta levantar essa bandeira. Já houve várias audiências públicas e sempre batem nisso, que é um gasto muito alto, muito alto mesmo.”

**Maria Aparecida de Souza Esmeraldo**

“A criação de uma rede de apoio à mãe, até mesmo psicológica, para trabalhar a questão da culpa. Porque a mulher é uma culpada por natureza. Já vem culpada trabalhar. Você tem que deixar seu filho para ir para a atividade laboral que, também, é imprescindível. Porque tanto o pai, quanto a mãe precisam trabalhar pra sustentar a casa. Ela precisa desse apoio, ela precisa entender que isso faz parte da vida, que a qualidade da presença é muito mais importante que a quantidade, desde que você consiga trabalhar isso bem.”

**Luíza de Marilac Martins e Silva Perdigão**

## SOBRE O FUTURO

“Em alguns lugares, existe uma espécie de contraturno, em que você consegue deixar seus filhos. Eles oferecem esportes, acompanhamento escolar, atividades lúdicas. Tem uma gama de atividades pra você não deixar seu filho em casa e não ter esse problema.

Se a Assembleia oferecesse alguma espécie de contraturno, ou seja, o horário que seus filhos não estivessem na escola e estivessem aqui, seria uma coisa que tranquilizaria, porque, às vezes, a gente precisa sair, pegar, deixar no inglês, voltar... Fica um pouco corrido. Uma coisa que ajudaria muito, também, seria algum tipo de estrutura que funcionasse durante as férias escolares, porque já aconteceu de eu não ter com quem deixar meu filho e ter que trazer ele pra cá. Eu imprimo um desenho e ele fica pintando, aqui, quietinho, é ótimo, mas não é o adequado. Não dá pra fazer isso todo dia durante o mês de julho e agosto, que as vezes pega um pedacinho.”

**Bruna Layna Brasileiro Ramos**

“Sugiro uma atividade com jovens mães de primeira viagem, orientação do que pode acontecer na amamentação, a depressão pós-parto, tudo isso poderia ser abordado. Porque, em outro âmbito, a Alece é muito tranquila para as mães da Casa. Assim eu considero.”

**Heline Joyce Barbosa Monteiro**

“Acredito no desenvolvimento humano contínuo, através da participação em rodas de conversas, projetos, ações propostas pela Casa. Além do autoconhecimento, que deve ser buscado sob todas as formas. E ainda do exercício diário do autocuidado, pois só podemos cuidar do outro, na nossa inteireza, se estivermos bem, integralmente.”

**Rejane Sales Oliveira**

# Cristiane Leitão,

primeira-dama do Legislativo Estadual Cearense

Mãe da Cecília, do Eduardo, do Kaio e avó do Lucca.



**A**o longo dos tempos, o papel da primeira-dama evoluiu, passando do trabalho na organização de recepções, da participação de cerimônias oficiais e da realização de ações beneficentes, à influência direta nos governos. O momento atual parece alcançar o ápice desse contexto, com essas mulheres se envolvendo, formalmente, nas políticas públicas e atuando como autoridades representativas.

A trajetória, o desempenho e o comportamento político de Cristiane Leitão vem alcançando um protagonismo crescente, exercendo influência relevante, aumentando a visibilidade desta Casa Legislativa e inspirando a participação das mulheres na política. Nascida em 09 de janeiro de 1972, dona de uma personalidade ativa, é esposa do deputado e atual presidente da Casa, Evandro Leitão, mãe de Eduardo, Cecília e Kaio, e avó do pequeno Lucca.



“Minha mãe é uma pessoa que sempre tem muita fé em Deus e usa essa fé como um instrumento para transformar, positivamente, a vida de todos que estão ao seu redor. Que sorte tê-la presente em todos os processos da minha vida. Ainda hoje, ela é de extrema importância na minha construção pessoal.”

Eduardo Leitão - filho

“Minha mãe é uma inspiração, tanto na questão pessoal quanto pelo lado profissional. Tenho muito orgulho de chamá-la de mãe e de aprender com ela todos os dias. Meu referencial de vida, uma pessoa guerreira e determinada.”

Cecília Leitão - filha

“Ela é carinho, força e segurança. Apoia-me em todas as conquistas e desafios. Sua presença é reconfortante e seu amor incondicional. É meu presente precioso. Sou grato por tê-la ensinando-me valores e inspirando-me a ser a melhor versão de mim mesmo. Sua sabedoria e gentileza são verdadeiros tesouros que guardo no meu coração. Eu a amo muito e sou abençoado por tê-la como mãe! A mulher da minha vida.”

Kaio Leitão - filho

É mestre em Gestão em Saúde, com duas especializações e graduação em Fonoaudiologia, atuando em saúde coletiva, ambiental e do trabalhador, além de responsabilidade social. Foi gestora de saúde, durante quase 20 anos, no Grupo MDiasBranco, onde implantou um programa que foi referência no Ministério do Trabalho.

Contando com apoio técnico e político de uma equipe de excelência, sua atuação foi se expandindo. Atualmente, reserva grande potencial de enaltecer a imagem do presidente por meio dos seus pronunciamentos e da sua participação e\ou realização em eventos sociais. Como primeira-dama, são muitas as idealizações de Cristiane Leitão para beneficiar, diretamente, os servidores da Alece, seus dependentes, a comunidade do entorno e toda a sociedade.

Em maio de 2021, implantou o CIADI. Definiu as estratégias políticas e as diretrizes do espaço que presta atendimento a crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e Síndrome de Down. O Centro já realizou mais de 36 mil atendimentos que visam à inclusão e à reabilitação dos pacientes. Sob a liderança de Cristiane, trabalham psiquiatras, neuropediatras, fonoaudiólogas, psicólogos, musicoterapeutas, dentre outros que atuam de forma integrada para o aprimoramento das habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras desse públi-

“ Sua força e persistência contagiam a todos. É fácil perceber isso, quando olhamos para o valioso papel que ela desempenha como primeira-dama, líder do Comitê de Responsabilidade Social e de outros brilhantes projetos na Alece. Sinto-me honrada e motivada em contribuir com sua gestão. É, de fato, uma inspiração profissional, mas, sobretudo, como ser humano.”

Amanda Melo

“ Sabe escutar, é justa e foca no que as pessoas têm de melhor. Tem como bandeira a inclusão em sua amplitude e trabalha dentro de uma abordagem sistêmica, que olha para o todo. Sou grata e feliz por fazer parte do seu time.”

Ana Carmen

co especial. O CIADI trouxe excelentes resultados, sendo uma referência de atendimento para outras instituições públicas no estado e no país.

O Comitê de Responsabilidade Social, criado em junho de 2021, também recebe a assinatura da primeira-dama e é responsável por otimizar e gerenciar as ações correlatas da Casa. O Comitê atua por meio de três células. A Célula de Saúde do Trabalhador ganhou destaque com a chegada da pandemia e comporta uma equipe multidisciplinar, que, além da questão física, proporciona uma atenção especial às questões de saúde mental. A Célula de Saúde Mental e Práticas Sistêmicas Restaurativas atua por meio da implementação de grupos educativos e de ações para ampliar o acesso ao conhecimento em saúde para toda a população. A Célula de Fomento à Cidadania e ao Empreendedorismo de Impacto Social promove o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida de comunidades vulneráveis. Realiza oficinas, rodas de conversa e serviços de saúde. Atua por meio de visita e escuta nas localidades e da capacitação, fomento à economia local e empreendedorismo.

Merece destaque, ainda, a idealização, em julho de 2021, do Centro de Mediação e Gestão de Conflitos, que promove soluções consensuais, por meio da mediação e dos círculos restaurativos, com o uso de ferramentas que

“Corajosa, enxerga capacidade na vida de cada pessoa que passa na sua trajetória. É uma grande incentivadora, uma mulher que faz acontecer. A sua delicadeza e a forma de contornar algumas situações é o que mais me inspira. Uma líder inteligente, destemida e, acima de tudo, humana.”

Raisa Lou

“Defende com sensibilidade a bandeira do acolhimento e é uma gestora de nobreza ímpar. Disponível e atenta às necessidades do próximo, emprega a filosofia humanística e sistêmica em tudo que faz, trazendo empatia e obtendo grande reconhecimento junto aos servidores. Sinto-me honrado em conduzir o DSAS e contar com o seu valioso apoio.”

Luiz Edson

encorajam a sociedade a ser protagonista em suas decisões, incentivando a cultura de paz. A primeira-dama estabeleceu contatos com a Vice-Governadoria do Estado do Ceará, o Instituto Brasileiro de Direito de Família – Secção Ceará, a Defensoria Pública do Estado do Ceará, a Controladoria Geral de Disciplina dos Órgãos de Segurança Pública, entre outros parceiros.

O Núcleo de Saúde Mental é mais um equipamento que teve sua concepção idealizada por Cristiane e pela Frente Parlamentar em Defesa da Saúde Mental e Combate à Depressão e ao Suicídio, com o apoio do MPCE, em 2019, na época em que a pandemia fazia da saúde mental uma questão mais do que urgente. Em parceria com a Secretaria da Saúde do Estado, o Núcleo capacita gestores e servidores por meio de cursos e ações de suporte à saúde mental da mulher, atendendo demandas diversas sobre seu papel na sociedade. Realizando atendimento psicológico de modo vinculado ao Departamento de Saúde do Legislativo Estadual.

O Movimento de Mulheres do Legislativo Cearense – MMLC, atualmente presidido por Cristiane, coaduna servidoras, esposas de parlamentares, deputadas e ex-deputadas que buscam desenvolver projetos, palestras, eventos, cursos, encontros e outras ações que reivindicam políticas

“Sábria, de fala mansa e acolhedora, mas sempre assertiva e precisa em suas decisões. Com ela, não medimos tempo ou limites para alcançar os objetivos traçados nos projetos de trabalho, porque aquele que precisa tem pressa. E o que puder, ela faz. O seu legado está em ensinar a “pescar o peixe”, seja com suas equipes de trabalho ou em instituições pelas quais está ou já passou. Está sempre presente nas comunidades, ouvindo-as e fortalecendo parcerias em busca de uma sociedade mais digna e justa.”

Sáskya Vaz

públicas para a mulher. Atua por meio da união de forças coletivas, estabelecendo parcerias com instituições e com a iniciativa privada. O MMLC vem focando no empreendedorismo, na capacitação jovem e no programa de combate à fome. Em 2023, o foco é a situação dos jovens que não trabalham nem estudam, ofertando oportunidades, assistência e possibilidades de desenvolvimento da autonomia. Uma outra ação que aproxima o Movimento às mulheres foi a estreia do quadro Mulheres Conectadas, no programa da FM Assembleia, Narcélio Limaverde.

A autora de *Enxergando o invisível – o sistêmico na gestão pública*, recebe a nossa homenagem, por apoiar esta pesquisa interna e viabilizar a impressão deste livro.

Por aliar sua formação profissional, seu perfil e credibilidade técnica à função de primeira-dama e por fazer diferença na esfera pública cearense, impulsionando e implantando ações que colaboram para uma transformação coletiva e social da mulher e da família, com início na própria Casa e na comunidade do entorno, Cristiane recebe essa homenagem.

Aqui, enfatizamos e agradecemos sua atitude receptiva à apresentação de projetos. Sempre aberta a dialogar sobre assuntos que refletem na vida dos funcionários, sabe que, à medida que os servidores estiverem capacitados e comprometidos, bem como suas necessidades atendidas, aumenta-se, exponencialmente, a qualidade do serviço prestado à população.

“Uma mentora talentosa e dedicada que transformou esta Casa Legislativa em um local de trabalho mais humanitário e inclusivo. Motiva-nos a ir além de nossos limites e a buscar excelência em tudo. Sua capacidade de nos encorajar e nos apoiar demonstra uma atenção genuína aos sonhos de cada um. Mostra-nos que é possível equilibrar eficiência, ética e paixão, conduzindo pelo exemplo.”

Juliana Holanda

AS AUTORAS...



... e “mães” deste livro.



Mãe do Arthur

**Luzia Leda Batista Rolim** é jornalista por formação pela Universidade de Fortaleza (Unifor) e especialista em Assessoria de Comunicação pelo Centro Universitário Estácio do Ceará. Como assessora de comunicação, trabalha no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), na Assembleia Legislativa, desde 2011. Exerceu a função, também, na Escola Porto Iracema das Artes, vinculada ao Instituto Dragão do Mar. Na Equador BTL Produções de Cultura e Arte (Produtora de Vídeo), produziu documentários, matérias jornalísticas e campanhas publicitárias, além de material para o Ceará WebTV (Webjornal do governo do estado do Ceará). Foi produtora executiva e coordenadora geral do II e III Simpósio Mídia Nordeste.

Como referência de vida e de luta destaca a mãe, Anita Ludmila Leda Batista Rolim. Com ela, Luzia diz aprender sobre gratidão, força, fé, doação e amar sem medidas. É assim que constrói o maternar com o filho, Arthur Lima Rolim, chegado neste mundo há um ano e 10 meses, tempo suficiente para arrancar os melhores sorrisos e sentimentos da mamãe que tanto aprende com sua simplicidade e evolução. *“O corpo muda, os programas mudam, a casa muda, a vida muda! Você nunca mais estará só, isso é uma grande alegria, e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade. Que cidadão você está formando? Que exemplos você está dando para quem está na sua companhia? Cuidemos dos nossos enquanto é tempo!”*





Mãe da Isa

**Rachel Garcia Bastos de Araújo** é mestre em Gestão de Negócios, pela UECE; escritora e consultora literária. Trabalha com publicação de livros, desde 2008. Como autora, publicou os livros *Da Rua da Frente à Beira-Mar: histórias de pescador* (La Barca), o homônimo infantil (Expressão Gráfica e Editora), *Pra onde foi todo mundo?* (Editora Beira-Mar), *Vovó Alice, Costureira e Conselheira* (Editora Beira-Mar). Na Assembleia Legislativa, está há 12 anos, sendo sete no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), onde, como coordenadora editorial, dentre outras obras, trabalhou nas *Histórias Cearenses Inspiradoras em Olimpíadas Científicas - vol. I e vol. II*. Foi aluna do escritor premiado Joca Terron, no curso “O extraordinário”, de George Perec; do renomado roteirista Aleksei Abib e do Biógrafo Lira Neto. Ministrou aulas pela UNIPACE/ UNIFOR, pela UVA e pela FATECI. Tem, no prelo, um romance independente e o infantil *João Vicente da Vicentina*.

Tem orgulho de sua ancestralidade composta por mulheres fortes e trabalhadoras. Destaca a avó paterna, Maria Alice Santos de Araújo, e a mãe, Núbia Maria Garcia Bastos. Ambas criaram os filhos ao tempo em que trabalhavam com afinco e são exemplos irretocáveis. É mãe da Isa de Araújo Pontes, a quem faz dormir, todos as noites, lendo livros infantis, inclusive, os que ela mesma assina.

Para Rachel, a maternidade sempre foi uma questão que vai além de escolha pessoal, pois considera que formar um cidadão para o mundo é um ato de muita responsabilidade e envolve noções de respeito e liberdade.



Mãe do João Vítor e do João Pedro

**Samya Régia Figueiredo Vieira Antero** é psicóloga clínica (CRP 11/11131), pós-graduada em Psicoterapia de casal e família, Psicologia Positiva e Psicologia Hospitalar, com ênfase em Cuidados Paliativos. Trabalha na Alece há 16 anos, tendo exercido a função de Assessora Técnica no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp). Hoje, é servidora do Departamento de Saúde e Assistência Social (DSAS) da Alece, onde atende no plantão psicológico, na Psicoterapia individual (adulto, pessoa idosa, casal e família) e no grupo Mulheres com Fibromialgia. Colabora, ainda, escrevendo textos para a revista da Escola Laços do Saber e para o blog Lugar Artistas.

Filha da Assistente Social e Gerontóloga, Elenita de Oliveira Figueiredo, e de João Bosco Vieira (*in memoriam*); casada com Luiz Carlos Antero, realizou-se na maternidade com o nascimento do primogênito, João Pedro, e do caçula, João Vítor, suas maiores inspirações. Porém, exerceu de maneira afetiva a maternidade com os enteados Xambioá Antero e João Carlos Antero e sendo “vódrasta” da Letícia Antero. Para ela, útero não define matinar. “Para ser mãe, é preciso primeiro querer ser mãe”. E isso não vem com o útero. Nasce um filho, mas nem sempre nasce uma mãe. Mãe, a gente aprende a ser numa caminhada desafiadora. E, assim, de mãe em mãe, com suas características e peculiaridades, caminha a gestação da humanidade.



## Lista de Siglas

**Alece** – Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

**CIADI** – Centro Inclusivo para o Atendimento e Desenvolvimento Infantil

**DGP** – Departamento de Gestão de Pessoas

**DSAS** – Departamento de Saúde e Assistência Social

**FATECI** – Faculdade de Tecnologia Intensiva

**IML** – Instituto Médico Legal

**MPCE** – Ministério Público do Estado do Ceará

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**SAPI** – Serviço de Atenção ao Adulto e à Pessoa Idosa

**Senac** – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

**TEA** – Transtorno do Espectro Autista

**TSE** – Tribunal Superior Eleitoral

**UFC** – Universidade Federal do Ceará

**Unifor** – Universidade de Fortaleza

**Unipace** – Escola Superior do Parlamento Cearense

**UTI** – Unidade de Terapia Intensiva

**UVA** – Universidade Vale do Acaraú

**VDP** – Verba de Desempenho Parlamentar

## Outras obras sobre o tema na Biblioteca César Cals de Oliveira

ANTUNES, Celso. **A construção do afeto**: como estimular as múltiplas inteligências de seus filhos – São Paulo: AUGUSTUS, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Mulheres que mudaram o mundo**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2005.

DÓRIA, Palmério. **Empoderadas**: mulheres eternas, corpo a corpo com a vida. São Paulo: Geração, 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 12.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAVILLI, Elena. **Histórias de ninar para garotas rebeldes**: cem fábulas sobre mulheres extraordinárias São Paulo: Vergara & Riba, 2017.

KENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de; RAGO, Margareth *et al.* **A mulher brasileira nos espaços públicos e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MAZZA, Viviana. **Malala**: a menina mais corajosa do mundo. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. Tradução Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araújo, Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SOUSA, Dayse Campos. **Psicomotricidade**: integração pais, criança e escola. 2. ed. Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** 48. ed. São Paulo: Gente, 2002.

# Um registro histórico

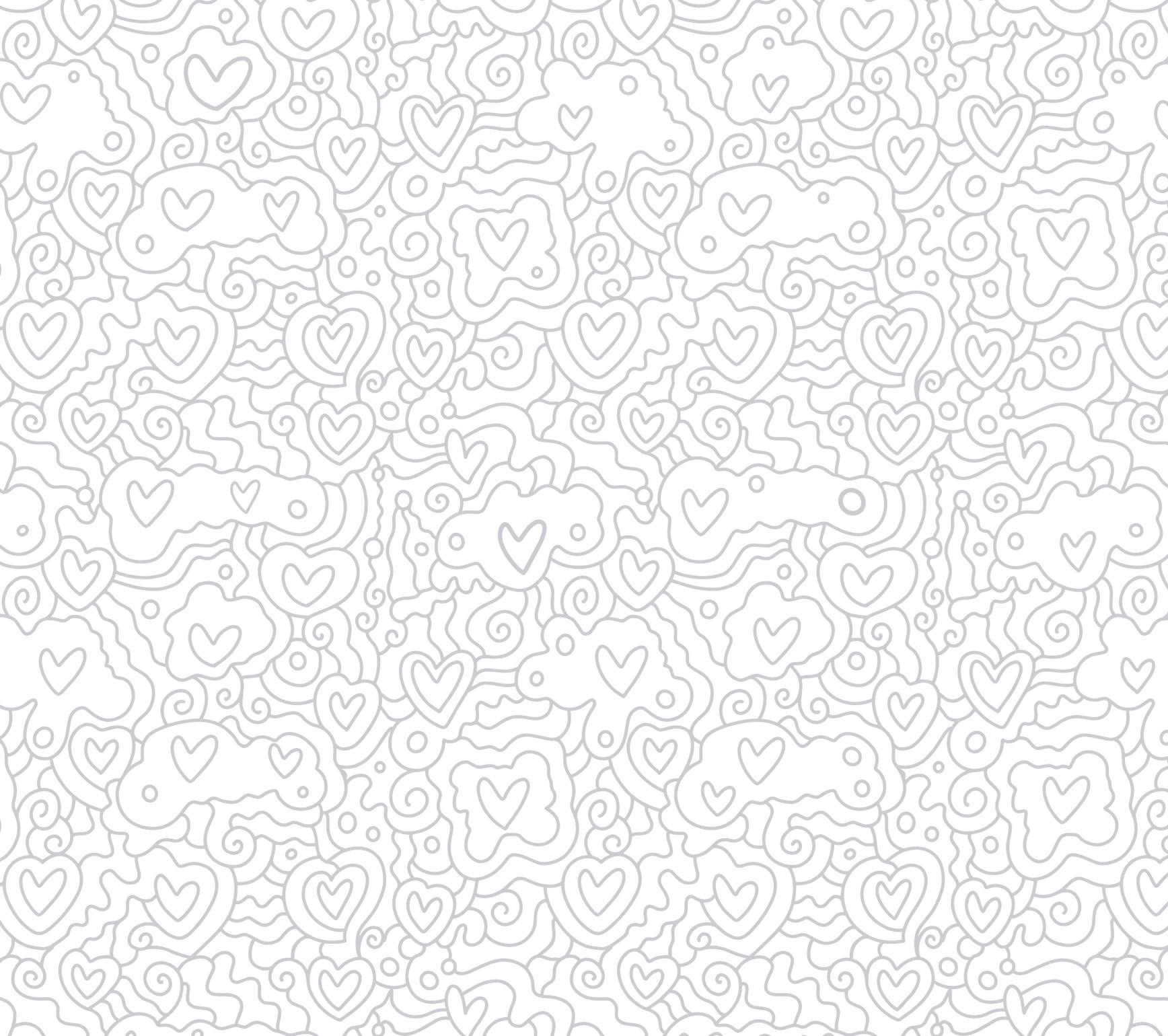
Algumas das mães e seus filhos, retratados neste livro,  
em registro fotográfico realizado em 15/05/2023.

Foto: Marcos Moura.





*Maternidade  
e Trabalho*  
no Parlamento Cearense







# ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DO CEARÁ

## Mesa Diretora

2023-2024

### Deputado Evandro Leitão

Presidente

### Deputado Fernando Santana

1º Vice-Presidente

### Deputado Osmar Baquit

2º Vice-Presidente

### Deputado Dannel Oliveira

1º Secretário

### Deputada Juliana Lucena

2ª Secretária

### Deputado João Jaime

3º Secretário

### Deputado Dr. Oscar Rodrigues

4º Secretário

EDIÇÕES  
**INESP**  
DIGITAL



A rotina materna é cansativa, mas previsível. Até que: a rede de apoio falha, o carro quebra, o filho adoece ao mesmo tempo em que o chefe chama. Demandas não agendam horários e o mundo só roda se nós, mães, estivermos presentes, atentas e fortes.

O livro *Maternidade e trabalho no Parlamento Cearense* é um caminho para se coordenar possibilidades de maternar e seguir com a vida profissional. Aborda a realidade que envolve o trabalho das parlamentares e servidoras mães, por meio de artigos e depoimentos em que relatam suas experiências e reflexões sobre o tema, trazendo a luz suas vivências, unindo seu passado aos dias atuais e projetando-os para estampar o futuro, seu e de seu grupo.

A obra proporciona, ainda, um encontro potente entre as depoentes e o leitor, que se depara com mães que, por si só, colaboram imensamente para a evolução da sociedade e que tem seu valor muito além do que produzem monetariamente.

Este filho está no mundo e a torcida é para que ele impacte positivamente a vida de todos vocês!

